ANNO XXVI — N.º 51
Rio, 17 de Dezembro de 1932
PREÇO: 1$000
FON
FON

O conto brasileiro

A borrasca

ERA preciso ganhar para viver. E como ganhar, elle, um pobre pescador, senão pescando para depois vender o peixe que a rêde trazia? Não era com isso que dava de comer á mãe velhinha, á mulher e ao filho pequenino?

O mar e elle eram dois velhos amigos. Sempre vivêra naquella praia: alli nascêra e alli haveria de morrer. Desde creança que se sentia attrahido, fascinado pelo mar. Por essa razão e para ser como o pae e como o avô é que se fizéra pescador.

Do mundo tão vasto e curioso só conhecia aquelle pedaço de terra, aquella praia de areias alvas e brilhantes, com os seus coqueiraes tristonhos e o casarão baixo e branco, de telhado vermelho — a mais bella das praias, certamente...

E porque já faltava dinheiro em casa — pobre casinha de pescador! — é que elle partia em seu pequeno barco, apesar do tempo borrascoso. A pesca promettia ser farta e graúda e talvez pudesse voltar antes de cahir o temporal.

E, despedindo-se das duas mulheres e do filho gorducho e moreno, o seu lindo garotinho de grandes olhos negros e intelligentes, sahiu.

Saltando para o barco, poz-se ao largo com o companheiro que o esperava sentado ao leme. O mar tinha-se encrespado; o vento soprava rijo. Velas desfraldadas, ia o barquinho, fragil como uma casca de noz, ao sabor do vento e ao sabor das ondas.

Quando a praia já ficava bem para traz, lá longe, como uma faixa clara, deitaram a rêde.

O sol sem raios, immenso e sanguineo, ia immergindo lentamente, como um grande globo vermelho, nas aguas revoltas e escuras. Os dois homens silenciosos e taciturnos, olhavam o horizonte côr de chumbo cada vez mais ameaçador. Nuvens negras avançavam ligeiras e as ondas cresciam, cresciam rapidamente, assustadoramente.

Sempre calados e taciturnos, apprehensivos, colheram as rêdes pejadas de peixes e prepararam-se para voltar.

Já então o sol desapparecêra de todo. Continuos e lividos relampagos rasgavam as nuvens sombrias; reboavam trovões estrondosos, retumbantes.

Avolumavam-se as ondas, recrudescia o tufão e a chuva começava a cahir torrencial, encharcando-os até os ossos e açoitando-lhes os rostos pallidos. Era a tempestade, a receiada tormenta que desabava impetuosa, terrificante.

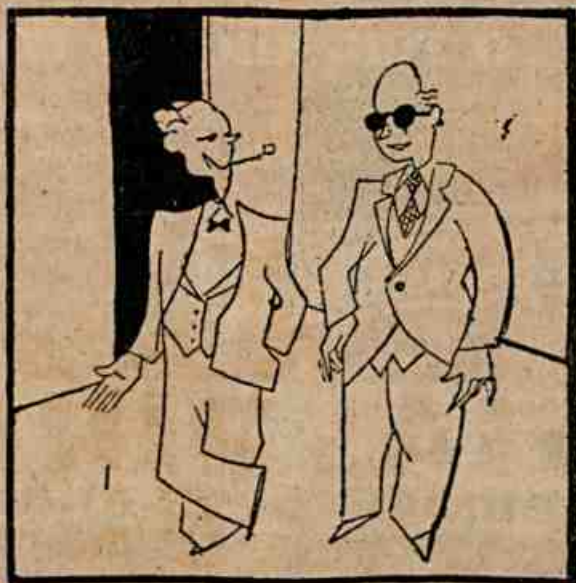
Vagas enormes, como gigantescas montanhas, faziam elevar a fragil embarcação a altura vertiginosa para depois afundál-a de prôa para baixo, quasi verticalmente, na espuma refervente e remoinhante.

O ribombo dos trovões, o rugido do mar, o sibilo do vento e o fragor da chuva cahindo, casando-se, atroavam ensurdecedores e tumultuosos.

Ora levado para a frente, ora arrastado para traz, sem as velas, que haviam sido retiradas mal cahira o furacão, o barquinho subia como num vôo ao cimo das vagas espantosamente altas, descia quasi a prumo no abysmo terrifico, girava vertiginosamente nos remoinhos fantasticos ao tétrico clarão dos relampagos que cortavam o céo negro e dos raios que o lambiam como finas e zig-zagueantes linguas de fogo.

Agora era impossivel a salvação. O posto ficava muito distante e a morte os espreitava.

Duas vagas altissimas que caminhavam em direcção opposta como muralhas collossaes, polidas e negras, chocaram-se num tumulto de espuma... Agarrando-se com as mãos crispadas ás bordas do barco, só por milagre os homens não haviam sido arrebatados, tragados pelo mar. E, invocando a Santa dos Navegantes, elles pensavam nas familias, que ficariam sem arrimo, nas casinhas brancas de telhado vermelho a que nunca mais tornariam...

E o pobre pae pensou no garotinho moreno de olhos negros e intelligentes, que ficaria orphão... Lá longe, na praia, viam-se innumeros pontos negros, pequeninos como formigas. Era toda aquella bôa gente praiana, homens do mar e mulheres que embrulhadas em grossos chales escuros, esvoaçantes, como azas agoireiras, vinham assistir á luta entre os dois pescadores e a tempestade. E eram exclamações angustiosas, supplicas e ameaças aos elementos furiosamente desencadeados, numa algazarra afflictiva, num tumulto indescriptivel. E o barquinho fragil como uma casca de noz subia e descia e rodopiava macabro, até que, elevando-se na crista de uma onda enorme, fabulosamente gigantesca, mergulhou de prôa cuspindo os dois pescadores aterrados no liquido abysmo torvelhinhante e negro...

Regina Rizieri

— Eu sou um prodigio para os negocios! Imagina: fui para a America do Norte com um par de sapatos rasgados e voltei com um milhão...
— Assim? E que fizeste com tantos sapatos rasgados?...

O virtuose do piano synchroniza seu apparelho de radio...

A QUARTA FALTA

RED COLLINS vôa actualmente, sobre os Andes, de Santiago a Mendoza, e esse trabalho lhe agrada bem mais do que o que elle tinha anteriormente como piloto de nossa companhia, sob as ordens de Dick Mac Guder. As montanhas e precipicios andinos, com seus furiosos furacões, offereceu mais campo para essa exuberancia de após-guerra que o caracterizava quando o conheci.

Red é um desses aviadores de vocação e quem nada causa médo. Si um anno e meio passados, em um campo de concentração allemão — Red fôra obrigado a descer e feito prisioneiro durante a guerra — não puderam transformar em prudente e repousado o temperamento de um homem, menos póde o pilotar um tranquillo e respeitavel aeroplano tri-motor cheio de passageiros aboletados e poltronas e a quem um empregado de uniforme serve chá em taças de porcelana! E é uma tarefa difficil o procurar alterar o estylo de vôo de um piloto graduado depois de quatro annos de vôos de combate, rematados com dois annos de serviços no aeroplano nocturno, encarregado de transportar a correspondencia de Georgia á Pensilvania, passando sobre os montes Aleganios. Mas nossa companhia tem certas leis prudentes e razoaveis para o transporte dos passageiros — sem que isso signifique que Red tenha jamais commettido imprudencias perigosas durante o tempo que esteve comnosco — e Dick Mac Gruder, o gerente local, exigia com energia sua applicação.

As violações mais frequentes do regulamento commettidas por Red, eram as que se referiam ao artigo que prohibia as voltas a menos de quinhentos pés de altura e ao que estabelecia que todas as aterrissagens deviam ser feitas em direcção do vento e mediante uma descida gradual começada da mesma altura.

O pobre Red era completamente incapaz de recordar tal coisa e dez segundos depois de haver posto o motor em movimento, o habito e o instincto o dominavam a tal ponto, que, esquecendo as advertencias de Mac, effectuava uma brusca virada, fazendo subir o aeroplano quasi verticalmente.

Não ha nisso o menor perigo. Mas os passageiros resolviam immediatamente enjoar, o que augmentava consideravelmente o trabalho, não só do camareiro, mas, tambem, do ajudante de piloto e do telegraphista.

E isso não era tudo. Ao aterrissar, realizava uma virada fechada a cem pés de altura e descia contra o vento ao campo de aterrissagem, emquanto os passageiros, lividos e presos convulsivamente aos assentos juravam que seria aquella a ultima viagem que faziam por outro meio de locomoção que não fosse o ferroviario.

Mac despediu Red tres vezes — a terceira estando ausente. Red sorriu e disse que passaria pelo aerodromo no dia seguinte, afim de retirar seus effeitos. Aquella noite, dois aeroplanos foram obrigados a aterrissar em virtude das condições atmosphericas ao norte de Joliet. Um dos pilotos supplentes havia sido enviado á procura de um novo aeroplano, e outro estava enfermo. Assim, pois, quando Red se apresentou para retirar seus effeitos, Mac lhe explicou com luxo de detalhes a opinião que delle tinha, pedindo-lhe depois que conduzisse mais uma vez o aeroplano. Red tem bom genio e decollou mui suave e gradualmente.

Em Joliet, recolheu a correspondencia e alguns passageiros, entre elles dois rapazes que se mostraram muito amaveis antes da partida. Um delles disse que era aviador e mostrou a Red um certificado de piloto commercial. Uma hora depois, esse typo atra-

De J. Bouck

vessou o passadiço e introduziu a cabeça e os hombros no espaço reservado ao piloto.

Com um rapido movimento, vibrou na cabeça do ajudante de piloto uma pancada com o cabo de uma pistola e apoiou depois o cano da arma nas costas de Red.

Este se voltou, a tempo para ver o telegraphista, com a cabeça banhada em sangue, emquanto o segundo typo mantinha immovel o camareiro sob a ameaça de um revolver.

O que estava a seu lado tirou, então, o inconsciente ajudante de piloto de seu assento, deixando-o no solo, e tomou o seu logar.

— Escute, companheiro — gritou ao ouvido de Red. — Está vendo esse campo aberto, ao longo da estrada, onde se acha um caminhão? Pois bem. E' ali que você vae estacionar este aeroplano. Si não o fizer, dar-lhe-ei um destino que sei e o farei eu mesmo. Sou piloto.

Si o assaltante houvesse dito *aterrissar*, Red confessa que lhe teria obedecido. Mas *estacionar* não lhe pareceu proprio de um piloto. Assim, pois resolveu fazer uma prova final antes de se declarar vencido e entregar aos ladrões a correspondencia e a bagagem dos passageiros. Fez uma manobra e desceu em direcção contraria ao vento que soprava a trinta milhas por hora.

Nivelou o apparelho a uns vinte pés do chão, como si fosse aterrissar, sem que o typo sentado á sua direita fizesse o menor movimento. Red comprehendeu, então, que elle lhe havia mentido. Nenhum piloto permaneceria tranquillamente deante de um commandante duplo, emquanto outro commettia semelhante imprudencia, que podia ser fatal. Assim, Red decidiu correr o risco — pensando que o bandido não se arriscaria a morrer com todos os outros, matando o piloto e deixando o apparelho sem direcção — e, voltando a ganhar altura, se dirigiu resolutamente para Medina, disposto a tentar um ultimo recurso heroico para salvar a situação.

Mac e eu, em pé na porta do escriptorio, vimos Red entrar naquelle dia. Com todas as descargas abertas, fez uma verdadeira investida para o hangar numero um, roçando o tecto do proximo com seu trem de aterrissagem. A indignação e a furia suffocavam Mac, de cuja garganta sahiam imprecações entrecortadas. Red poz o aeroplano verticalmente, e, fazendo depois uma virada brusca, se lançou em nossa direcção. Mac soltou um grito e ambos nos lançamos á terra, emquanto o apparelho passava a poucos pés de nossas cabeças.

Durante cinco minutos Red fez toda sorte de provas acrobaticas, emquanto Mac corria, vociferando como um louco, reunindo quatro empregados do Departamento de Commercio, tres agentes motocyclistas e os dois guardas encarregados da vigilancia do aerodromo. Red cortou o pasto com a aza inferior do apparelho, arrastou-o sobre um chão de cimento, apertou um freio a quarenta milhas por hora e se deteve, afinal, em sêcco, mesmo em frente á *commissão de recepção*.

A porta abriu-se de repente e dois homens saltaram do aeroplano exactamente no momento em que uma mulher gritava:

— Soccorro! Ladrões! Prendam-nos!

Assim o fizemos. E ainda continuavamos lutando para dominal-os, quando Red abriu a janellinha e nella poz a cabeça, emquanto, sorrindo, dizia:

— Obrigado, Mac. Sua reacção foi perfeita. Eu até cheguei a imaginar que você traria os guardas para prender-me!

ROMANTISMO — Ai, Agapito! Que calor irradiam teus olhos!

Chronicas de um pedaço de burro

CHEGUEI em dezembro. O inverno estava em seu pleno apogeu. A neve cobria os telhados das casas e as arvores estavam com os galhos brancos como algodão. No trem tinha feito conhecimento com Elza, uma graciosa viennense, que veiu commigo de Paris. Fui para o modesto

VIENNA D'AUSTRIA

hotel que ella me indicou. Recebeu-me com um sorriso amavel o velho porteiro, antigo guarda da Casa Imperial, com seu bigode marcial e cachimbo na bôcca. Subimos ao segundo andar, onde um quarto grande e de aspecto familiar me esperava quasi que a sorrir: uma mesinha ao centro e, sobre ella, um vaso de porcelana com umas flores de papel sobre uma toalha de linho branco — tudo isso procurava servir de adorno de inverno. Um grosso colchão de penna coberto com alvos lençóes e um eldredon de setim disposto com elegancia sobre uma cama sóbria, de madeira. Não havia agua corrente, mas uma ampla bacia de porcelana e um jarro simples faziam o papel de pia e torneira.

— O almoço será servido ao meio-dia — disse-me uma arrumadeira moça, de olhos azues, cabellos oiro-claro levemente ondeados. — Si o senhor quizer alguma coisa, é só me chamar pela campainha. Eu permaneço aqui neste andar.

Foi assim que Vienna me recebeu. Senti-me bem. Muito bem. Não mais lembrava os boulevards e me preparava para gozar, com a vivacidade dos meus 22 annos, um inverno em Vienna, aquella cidade lánguida e socegada á beira do Danubio.

A's cinco, a porta do meu quarto abriu-se ligeiramente e me foi possivel divizar o rosto roseo da minha companheira de viagem, que, fiel ao seu compromisso tinha vindo procurar-me para o chá e um passeio. Tomámos chá. Que menina alegre e intelligente era a Elza!... Ainda me lembro da nossa prosa ligeira com escapadas para a sciencia. Elza era formada em medicina e a viagem a Paris tinha sido o seu presente de formatura, que os paes, com tão bôa vontade e orgulho, lhe tinham offerecido. Sahimos. Segurou-me pelo braço para não escorregar sobre a calçada coberta com uma fina camada de gelo, escuro com o barro das ruas. De quando em quando, me apertava um pouco, talvez antevendo um tombo, talvez para ser amavel. Era uma doçura o seu sorriso. Eu bebia aquella paizagem com enlevo e com um sentimento de bem estar que me faziam vibrar a alma. Lindas avenidas, casario sobrio e elegante. Estavamos num bairro aristocratico. Havia pouca gente pelas ruas. De quando em quando, umas creanças fortes e alegres, a dar gritinhos, brincavam com a neve recem-cahida. Fazia frio e o meu grosso sobretudo de inverno não me protegia de todo. As mãos enluvadas de Elza, de quando em quando, procuravam as minhas e, depois de um ligeiro aperto, voltavam de novo ao seu logar, ou para ajustar o seu pequenino chapeu de

feltro escuro. Andámos talvez uma hora. Entrámos num cinema, que nos recebeu com o calor commum aos edificios com calefacção central. Uma baforada de ar quente a misturar-se com o ar gélido das ruas. Sentámo-nos longe da tela. A casa estava cheia. Passavam uma fita allemã. Não me recordo do que se tratava. Elza passou a sessão toda a me apertar as mãos e, de quando em quando, chegava o seu rosto de pecego para o meu. Sentia o seu respirar de saúde, ligeiramente perfumado o seu halito. Era uma maravilha, aquella elegante viennense ao meu lado! Falavamos pouco, mas pensavamos muito. O ambiente viennense fascinava-me. Sentia-me tão poetico, que a alma cantava de satisfação.

— Sim, — disse-me ella, — havemos de nos encontrar amiudadas vezes. Vou trabalhar num hospital perto do seu hotel e procurarei você quantas vezes me forem possivel. Quero tanto lhe mostrar a minha Vienna, esta Vienna da valsa e do bom vinho!

Vienna, de facto, é a cidade exclusiva da valsa. Aquella melodia das Valsas viennenses é a coisa mais real que póde existir. E' tão Vienna como o whisky é Escossia, ou como o tango é Buenos-Aires. Diremos tambem como o maxixe é Brasil. A cidade, o ar, o povo, tudo harmoniosamente, num conjuncto sem destoar, formam a valsa viennense e cantam.

O coração palpita, vibra e sente. O povo viennense não tem igual. E' um typo inteiramente a parte. Uma mentalidade especialmente dedicada ao bem viver. Gozar a vida é o unico fim do viennense. Tudo é para agradar os mais nobres sentimentos. A amizade viennense só póde ser devidamente apreciada por aquelles que della partilharam. Talvez sejam os unicos que recebem um estranho sem prevenção, sem a mais leve indicação de "pé" para traz", como dizia um meu conhecido de São Paulo, que o acaso me fez encontrar num restaurante viennense, uma noite de musica cigana.

E assim foram correndo os mezes. Logo após os primeiros dias, tinha sido apresentado á familia da Elza. Bôa gente. Bôa casa. Muitas vezes passavamos grande parte da noite na sala de visita, a conversar sobre politica universal, commercio, arte, musica e tambem levava para casa minhas licções de medicina, de que Elza, afeita á sua profissão, nunca descuidava. Contei-lhe a historia toda do Brasil: até a minha versão da Guerra do Paraguay entrou-lhe pelos ouvidos attentos.

Certas noites apenas ficavamos um ao lado do outro a ler Nietzsche, Freud, e biographias de grandes homens, um genero que Elza muito apreciava. Tinha uma série importante de livros sobre Napoleão, a quem admirava com fervor; entretanto, intimamente, era pacifista, como quasi todo bom viennense. Trocavamos poucas palavras. O livro servira para nos entreter. Costumavamos sempre ler os mesmos livros e depois commental-os.

E assim passei o inverno em Vienna. Conheci quasi todas as relações da moça: seus parentes do interior, seus tios da capital, muitos dos seus collegas do hospital e até alguns dos seus doentinhos de enfermaria, pois occasionalmente ia buscal-a no seu trabalho.

Elza é Vienna e Vienna é Elza para mim.

Os annos já se passaram, mas, de quando em quando, ainda recebo um enveloppe levemente azul, sobrescripto com uma letrazinha meuda e muito igual, muito legivel. E' Elza a mandar-me pelo correio os sons maviosos da valsa viennense...

D. G. COIMBRA

— Escuta, Romualda: tua voz se ouve em toda a casa. Não poderias cantar só para ti?
— Para mim só, patrôa? Mas si eu não sou nada egoista...

W. B. DE ABREU (S. Paulo) — Viva S. Paulo, caro confrade! S. Paulo grande nas letras, São Paulo grande na economia, São Paulo grande no espirito e nas armas! Viva a mulher paulista, sempre intelligente e formosa!

Feito este pequeno introito, passemos á sua missiva.

Ella me leva a crer que o sr. comprehende bem a bôa politica literaria. Afinal de contas, é necessario convir em que nunca morrerá o velho aphorismo: E' preciso semear para colher. Ha quem só deseje colher, egoisticamente, sem nada semear. Ha só quem se preoccupe com a sua pessôa, e esqueça o resto da humanidade. Em suma, o sr. é dos raros que se lembram de fazer alguma coisa pelo bem e interesse alheios.

Ha cavalheiros que só sabem pedir favores. Querem que se lhes publique isto é mais aquillo, interessados em fazer nome, com apperecer, nunca tendo a idéa util de trabalhar, na medida das suas forças, por aquelles a quem occupam e amolam.

O sr. é uma bella excepção. Antes assim. E parabens.

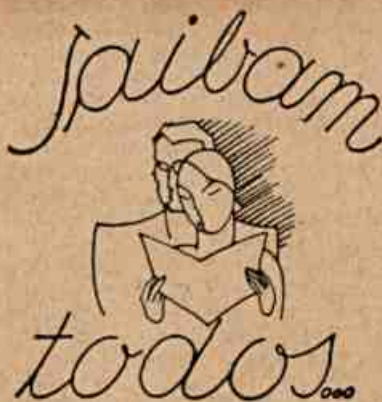
Aqui vae a sua carta amavel e de excellente propaganda para mim:

"Caro Yves. Saudações. E' já no meio da benção fria das estrelas, que viro a ultima pagina de "Uma "garçonne" carioca".

Livro bonito, que a gente lê de um folego, tão ao sabor que é do nosso *grand-mond* excentrico na sua contextura hodierna e febricitante, contaram-me, e eu o creio, que o seu exito foi extraordinario. A mim, porém, isso não me admira. Cada livro que V. atira ao mercado assinala um justo successo para o editor.

A explicação está na grande primasia que desfruta a sua pena no conceito feminino, principalmente entre as solteironas. Será V. o nosso Musset? Quem dirá que não?

Romance leve e profundo, "Uma "garçone" carioca" afirma-se-nos feito rigorosamente para essas raparigas levianas da nossa época. Pobres raparigas que, sonhando o impossivel, um paraiso de rosas, não vacilam em se jogarem na lama da infelicidade.

E ainda ha sobre a terra quem tenha a fraqueza de condenar obras dessa natureza realista, acoimando-as de imorais e corruptoras. São, de ordinario, pais de tradição, cujas filhas, guiadas pela curiosidade excitada, mastigam Pitigrilli ou Aluizio Azevedo, ás ocultas, na penumbra quente de suas alcovas.

Si esses individuos, muito ao contrario, se desse mao trabalho de mostrar ás tais *Jeunes-filles* a realidade da vida, iniciando-se em estudos de ordem psico-biologica, veriam, em primeiro lugar, que somos influenciados por forças internas, censuradas pela moral popular, e que essas mesmas forças, não se podendo expandir livremente, ficam recalcadas, o que nos é martirio, tocando as raias da *reverie* e da loucura.

Em segundo lugar, descobririam o remedio para esse mal, que, segundo Carr e Carlos Grous, está na função catassica do jogo. E' o jogo que nos livra dessas tendencias anti-sociais. Si não as extingue, canaliza-as, satisfazendo os impulsos violentos da nossa natureza, ainda que tal satisfação seja temporaria. E o ultimo dos psicologos citados apontou a ação purgatoria do jogo na repressão do poder libido, sobretudo na puberdade. São jogos para esta finalidade a dansa, o *flirt*, etc. A *catasse* drena, de modo inocente, os arrastos ardentes da sensualidade, são como uma valvula de segurança os jogos mencionados. E quem negará que a leitura de poesias adequadas ou a sua elaboração mais ou menos perfeita não satisfazem, momentaneamente, as aspirações mais ou menas secretas do coração? Do mesmo modo a de romances de fundo realista desempenha papel importantissimo na mocidade, seja assinalando-nos os diversos caminhos ad existencia, seja purificando-nos o corpo e o pensamento dos instinctos materiaes, seja concorrendo para a moralização da sociedade atual.

Pensem dessa maneira os que pretendem aniquilar o lado espiritual de "Uma "garçonne" carioca", e nos terão que, mais tarde, chorar a sorte de seus filhos.

Você, Yves, não indo aqui um rasgo de lisonja, é um grande psicologo da vida, e dos melhores que ha. No seu livro se distingue perfeitamente o romancista e o psicologo. Conhecedor profundo da arte de ser mulher, tem esse prurido analista com que esmiuça a alma dos seus personagens, movimentando-os com graça e naturalidade. Maria Lucia é um verdadeiro tipo dessas costureirinhas que andam por ai ... manchetas praticando o amor-livre, numa *coqueterie* que faria levantarem-se das sepulturas os nossos veneran-dos avós.

"Uma "garçonne" carioca" reflete bem a sociedade á que se destina e diz do seu talento prolificato, admiravel e admirado por todos que têm a ventura de se tratar comsigo. Desse livro, ou, antes, do seu ponto de vista, que é tambem o meu, farei uma apreciação num jornal cá da terra. Não que eu tenha a pretenção de criticar. Deus que me livre da ambição de ser critico literario. Não sei, parece que foi Boileau quem escreveu: — "La critique est aisé et l'art est difficile".

Agradeço-lhe a delicadeza da ultima resposta que me dirigiu. Já que fui recebido no "*Fon-Fon*", como um bom amiguinho, vou escolher mais uma ou duas poesias, ás quais, depois do necessario exame, lhe peço publicidade na sua revista.

E, de antemão, é-lhe grato a benevolencia o admirador e amigo.

N. B. — Ao responder-me, queira ter a gentileza de se dirigir a — *W. B. de Abreu.*"

Quanto aos seus poemas, devo dizer que elles serão publicados logo que haja mais espaço. Queira esperar. Sim?

AMERICANO (Minas) — Ulálálá! O sr. é amabilissimo. Pelo menos é essa a bôa impressão que me dá.

Vejamos a sua carta:

"Yves. Aprecio-o. Conheço-o, através de suas chronicas, no "FON-FON". Ao que venho observando, você sabe ser, em tudo por tudo, o homem "chic", a que se refere na optima chronica de 26-11-1932.

Assim, não duvido em mandar-lhe, para o devido julgamento, minha. Serve? Na affirmativa, gostaria de vel-a publicada na sua Revista; na negativa, desejava que você me dissesse, pelo "Saibam Quantos, o destino que lhe foi dado.

Aqui fico aguardando o seu julgamento que, em qualquer hypothese, muito me interessará. — (*Americano* — (Minas)."

O seu soneto, essencialmente

folk-lorico, está mal realisado. Possue dois ou tres versos defeituosos.

Exemplo:

Quantos encontra o olhar bom,
[compassivo
Da sua terra, viola e do cantinho...
Da choupana que, tão calada,
[mostra,
Ao ceu: ceu, que seria do luar
Sem Brasil, Jeca, viola e a cafûa.

Não sei si o sr. consiedra chic a minha franqueza ;mas, pelo menos, ella lhe deve ser util, pois o induzirá a aperfeiçoar a sua arte poetica...

Gostou?

LUCIANO LACERDA (Sergipe) — Os seus versos não podem ser publicados.

LEUMAN SERAVAT (Capital) — A sua collaboração não serve.

LEDI (Capital) — Aqui vae o seu *soneto*... para se vêr até que ponto chega a sua coragem ou a sua... *blague*.

Dois pontos:

TEL-A... *AO MENOS EM SONHO.*

Contemplo o ceu todo calmo e bello;
A lua, que nelle alegre sorrir,
Argenta a terra simples e singella
Com os seus raios cheios de polvir.

E as estrellas que bordam o fir-
[mamento,
Em plena harmonia com a luz do
[luar.
Reflectem-se no mar sereno e ciu-
[mento
Com o sol que do seu seio as vem
[tirar.

E admirando estas bellezas sem
par;
O ceu, a lua, as estrellas e o mar
Blasfemo ante os contrastes deste
[mundo...

E's mais feliz que eu, oh mar pro-
[fundo!
Pois, todas as nites, as tens, sem-
[pre rizonho;
E eu quizera tel-as ao menos em
[sonho...

PHAETONTE (?) — E' muito curiosa a carta que me dirige. Vejamos o que me diz o sr.:

"Amigo Yves! Primeiramente, queira desculpar pelo meu tratamento familiar.

Afinal de contas, bem sei, pouco se lhe importa em chamar de Excia. V. S., etc e tal.

Em geral, pessoas de cultura elevada não se importam ou pouco se importam com modos de tratamento, pois são menos egoistas e mais fraternaes.

Como já lhe conheço de há muito atravez das paginas brilhantes e bem lapidada de Fon-Fon, e como tenho apreciado o seu modo simples e expontaneo de tratar os consulentes de S. T., resolvi a meu grado, tratar-lhe de amigo. Ora, e que são todos os escriptores (naturalmente bons) de seus leitores? Não dizem: "Os livros são nossos melhores amigos"?

Pois bem, vamos adeante, caro amigo. Envio-lhe um recorte dum jornal de minha terra, cujas paginas encerraram um artigo assignado por — Yves.

E' verdade, li num dos numeros anteriores de Fon-Fon, a pergunta dum consulente, a respeito de artigos assignados por Yves, e bem me lembro de sua resposta.

Mesmo assim, desejo saber si o artigo foi escripto pelo mesmo Yves de S. T.

Ponto final.

Agora vou dizer algo sobre "Uma garçonne carioca", que tal vez lhe poderá interessar.

Não faço isto, com o fim de colher louros, ou para mais tarde, fazendo como outros, dar-lhe uma "facada", para que publique sonetos de "pé quebrados" ou "contos etc e tal "mal contados".

O que vou dizer, é o que penso, e o que dizem outros, a quem emprestei o livro.

No modo de pensar destes outros, "Uma Garçonne Carioca", é um livro imoral, que será um crime dal-o a um moça decente e de familia, cheia de pensamentos sãs etc e tal para ler.

No meu ponto de vista, o considero um livro amoral, repleto de verdades, que todas as moças devem lêr, sendo assim, um pharol a lhes mostrar a podridão que habita nos seios da sociedade.

E' verdade, Yves.

Si pudessemos levar todas as moças não corrompidas, vestidas a masculino a estes "mercados de carne humana", onde impére a estupidez e brutalidade animal e o vicio, tenho plena certeza, haveriam de fugir horrorizadas. Tambem me refiro a estes "bordeis chics", intitulados "rende-vouz, frequentados por "gente de dinheiro, "velhos coroneis", que cobrem o mmanto illusorio de luxo, e onde a depravação é a mesma que em casas de "mulheres-baratas", ou talvez anda maior, porquanto nestes "rende-vouz", alem de "mercados modelos", sim, "modelos", pois só "gente de dinheiro" os póde frequentar, ainda impera a "cocaina, morphina, opium etc", que os compradores em "mercados baratos", alem de "carne" não podem comprar taes alcaloides etc, a não ser bebidas baratas.

Por isso, mais uma vez afirmo: "Uma garçonne carioca", é um livro amoral, repleto de ensinamentos bons, que todos os paes deveriam comprar para suas filhas, ou si não o quizerem dar, pelo menos que as chamem, lhes mostrem a realidade dos factos e procedendo assim, cooperarão para a deminuição desta chaga horrenda que assola a humanidade.

Por ter me aturado tanto tempo, muito obrigado.

Estou satisfeito, pois disse o que há muito queria dizer ao Yves.

Disponha do seu servo — *Phaetonte.*"

Agradeço-lhe os seus commentarios sobre "Uma garçonne carioca".

Quanto ao retalho de jornal, a que se refére, declaro que é, de facto, da minha autoria. Apenas, o referido jornal deixou de transcrever a fonte de procedencia.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Portal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 17-12-932

Data da consulta..............

Nome do consulente..............

....

Heróe!

ZINZIN Vega era a reproducção fiel de certos heróes, tão conhecidos de todos nós.

Eram sobremodo caracteristicas as fanfarrices de Zinzin. Esforços fazia toda gente para não rir, quando ouvia o mesmo contar rasgos da bravura quixotesca.

Matar um homem? Fazia-o com o mesmo sangue frio e a mesma facilidade com que se mata uma pulga! Nunca matára, effectivamente pessoa alguma, mas era questão de occasião; pois coragem para se tornar homicida tinha elle! "Chi!" Lá isso tinha!

Em verdade, ninguem o pegava na rua sem o bom revolver, a bôa pistola, o punhal de cabo de prata na cava do collete, mais a navalha no bolso das calças (quasi um arsenal de guerra ambulante), fóra o comprido estoque que se continha na grossa bengala com castão de prata, no qual, entrelaçadas em fórma de monogramma, se viam as iniciaes Z. V.; entretanto não é menos certo: só em tom de gracejo rusgava com outrem o quixotesco mancebo.

Ao pé da cama delle havia, recostado de modo solemne, antigo espadagão que causaria mêdo ao mais célebre dos titans, bem como enorme porrete duplamente respeitavel — pelo tamanho, pelo peso.

* * *

Despertára Maio, trazendo-nos temperatura amena, agradavel. Era a natureza assaz encantadora com as mimosas paizagens que o Creador, no mez das flores, dá por bem pintar na infinita e esplendorosa tela do azul profundo, a modo para saudar a Mystica Rosa Virgem da tribu de Judá.

A tia, mãe adoptiva do mancebo, era muito devota. Tinha rico oratorio com imagens perfeitas, ao pé do qual se reunia ella com as filhas, as sobrinhas e algumas pessôas da vizinhança, para rezarem o mez mariano.

* * *

Em certa noite, depois de todos da familia se terem recolhido aos quartos, a arára de estimação desprendera-se da gaiola. De tudo que ouvira ao longe, com relação ás rezas, aprendêra a palrar — *ora pro nobis*.

Dormiam todos quando, ás escuras, percorria a inoffensiva trepadora os cantos da casa, arrastando a corrente a repetir a cada instante — *ora pro nobis*.

A primeira pessôa que se acordou foi a irmã do mancebo, a qual estava no mesmo quarto das primas; ficou amedrontada e despertou as companheiras.

— O' prima F., ó prima S., ouço passos de alguem a resmungar umas coisas que não entendo! Ladrão não é! Será algum louco?!

— Ouço tambem, acudira uma dellas.

— E eu, affirmára outra.

— Que será? Santo Deus de misericordia, tende piedade de nós!, interviera outra mais.

— Estará bem trancada a porta do quarto? interrogára a primeira.

— Está, sim. Falem baixo.

Julgavam estar cochichando, mas haviam despertado Zinzin. Este comprehendêra immediatamente a causa do alvoroto.

Ficára de cabellos eriçados, pegára da espada que se achava ao pé da cama, do revolver, em baixo do travesseiro e bradára, com voz trêmula:

— Si é algum mortal, não repita o gracejo, pois lhe sahirá caro! Estou armado...

Notára em seguida virem os passos em direcção ao quarto delle. A porta estava aberta, e não tivéra coragem de ir fechál-a! Bradára de novo:

— Si vem para cá, faço fogo!

Proseguia a pobre arara:

— *Ora pro nobis... ora pro nobis*.

— Faço fogo!

— *Ora pro nobis*.

Quando chegára a inoffensiva trepadora quasi á porta, não hesitára Zinzin: pulára da cama, desembainhára a espada; e..., o baque do corpo; ao cahir no soalho, causára susto á arara que dera especie de brado de armas, articulando sons confusos.

As mulheres da casa, ás gargalhadas reconhecêram o supposto louco! Isso causára grande alvoroço! E vieram todas ao encontro de Zinzin, unico homem sob o mesmo tecto; e maior fôra o alvoroço: tivéra um chilique o nosso heróe!

HORMINO LYRA

(Do livro inédito "Horas de O'cio".)

Casar

O Que Toda Moça Deve Saber Antes e Depois Do Casamento

Todos sabem que Certos Terriveis Padecimentos e as mais Perigosas Perturbações Genitaes são Sofrimentos que perseguem grande numero de Mulheres.

Quantas vidas cheias de desgostos e pezares, quantas lagrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas Enfermidades!

Quantas Senhoras Solteiras, Casadas ou Viuvas, que padecem de tão terriveis Doenças!

Quanta Mãe de Familia se considera infeliz, por soffrer assim!

Quem tem a infelicidade de soffrer do Utero sabe bem o que é padecer!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza no Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes!

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**

Sim! Sim!

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comecem hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Seara alheia

A cortezia

A cortezia desapparece — lamentam alguns. Não se trata aqui, evidentemente, dessa cortezia vulgar que consiste em retribuir as saudações que nos fa-

zem ou em não dizer inconveniencias. Mas desta arte gostam, de ser agradavel; dessa vontade de fazer resaltar as attenções recebidas por outras maiores; de manifestar por gestos e por palavras o desejo de ser apreciado, estimado, nunca melindrar, susceptibilizar o proximo, nem nas suas crenças nem nos seus costumes.

Ha que reconhecer que esta especie de cortezia se fossilizou. A nossa, a de hoje contenta-se com ser negativa. A maioria de nós todos julgamo-nos cortezes se não somos grosseiros. A outra cortezia era muito distincta e exigia mais iniciativa, mais presença de espirito.

Já não nos preoccupamos com ella e, se a encontramos, por casualidade, sorrimos, ironicos, como se estivessemos deante uma velharia ridicula e isto com a maior naturalidade — ROBERTO DE FLERS.

A natureza

A Natureza é sempre bella; os homens é que a tornam feia, ás vezes, porque interpretando-a, a deformam.

A Natureza nunca é feia; poderá parecel-o, porque tenhamos da belleza uma idéa falsa, convencional, conformada ás necessidades de nossos habitos, de nossos costumes, de nossa civilização.

Um homem ou uma mulher que deforma o corpo com trajes illogicos e ridiculos são feios porque não são a Natureza; mas um corpo nú nunca é feio quaesquer que sejam os seus defeitos.

A Natureza contem tudo; não é necessario ter imaginação para ser um grande artista: basta olhar a Natureza saber comprehendel-a, surprehendel-a e fixal-a. — AUGUSTO RODIN.

Pensamentos

A fatuidade indemniza a falta de coração.

O que se impõe a si mesmo, aos outros tambem se imporá. — VAUVENARGUES.

MEMORIA DE ARTISTA

O sol que entrava através das altas janellas da estação central de Nova-York traçava, com seus quadrados de luz, um gigantesco taboleiro de xadrez no chão. Sobre elle, como figuras desse xadrez louco, se moviam rapidamente os apressados viajantes que se dirigiam aos differentes trens.

A um lado do grande *hall* estava em exposição um amplo aeroplano de transporte. Poucas pessôas se detinham a observal-o e só um homem parecia muito interessado em examinar sua estructura.

Fazia dez minutos que esse homem, de pé na sombra que projectava a aza do avião, observava attentamente os apparelhos da cabine do piloto.

De vinte em vinte, ou de trinta em trinta segundos elle olhava tambem, attentamente, o público que rodeava o taboleiro indicador do horario de sahida dos trens, olhando depois, ansiosamente, o relogio, e, em seguida, apertando nervosamente a capa de couro que tinha em baixo do braço, voltava a inspeccionar o aeroplano.

Nada o distinguia da multidão de empregados que regressavam a seus lares, nos suburbios, terminados seus trabalhos do dia na grande cidade. Excepto sua nervosa espectativa e o furtivo cuidado com que se conservava á sombra do aeroplano.

Após meia hora de nervosa espera, sahiu da estação, e, dirigindo-se a uma pequena rua transversal, entrou em um saguão pouco illuminado. Depois de subir dois andares, se deteve deante de uma porta fechada. Depois de escutar durante um minuto, abriu-a e um grito de mulher lhe deu as bôas-vindas.

— Tranquilliza-te — disse o homem, entrando no aposento e fechando a porta atraz de si. — Pensavas que era a policia?

A mulher olhou-o com olhos dilatados pelo terror. Trajava um vestido côr de violêta. O chapéo, da mesma côr e material do vestido, estava atira-

(Cont. na pag. seguinte)

MEMORIA DE ARTISTA

(CONTINUAÇÃO)

do sobre a cama. Tinha os cabellos, exaggeradamente loiros, em desordem. Parecia uma artista veterana representando uma scena de terror. Seus olhos estavam fixos na mão direita do recem-chegado, como si temesse que puxasse um revolver.

— Jake — disse, retrocedendo, — não me farás mal, não é verdade? Juro-te por Deus que sempre fui correcto comtigo.

O rosto de Jake reflectiu sua surpresa.

— Que tens, Madge? — perguntou, segurando-a pelo braço e sacudindo-a um pouco. — Primeiro tens um ataque de nervos e não me esperas na estação, como haviamos combinado. Depois, quando eu appareço, me tomas pela policia. E agora temes que te faça mal. E' claro que não te farei mal algum. Tranquilliza-te. Tudo marcha perfeitamente. Apenas perdemos nosso trem.

— Madge continuava olhando-o de modo apprehensivo. Mas procurou rir.

— Tens razão — disse, rapidamente, e como si percebesse que seu riso era um pouco extemporaneo. — Estou muito nervosa. Tinha um presentimento, ou algo parecido, de que não ia resultar bem. Essa a razão por que não fui á estação. Quando se trabalhou no theatro como eu, se aprende a acreditar nos presentimentos. Esse era muito forte. Eu estava preparando-me para sahir — concluiu, assignalando com um gesto a maleta aberta e desarrumada em um recanto do aposento.

Jake riu.

— Foi um falso alarme esta vez — falou. — Tudo succedeu exactamente como eu tinha predito. A caixa de ferro era uma especie de lata de sardinhas que mereceria estar em um museu. A unica coisa inesperada foi que continha dez mil mais do que eu havia calculado. E aqui os tenho — exclamou, batendo a capa de couro que conservava sob o braço. — Apressa-te. Tomaremos o primeiro trem para Atlantic City.

Magde aproximou-se da valise aberta e começou a arrumal-a machinalmente, sem deixar de olhar Jake.

Este a observou por um momento, com expressão de duvida.

Escuta — disse, por fim: — isto tem um aspecto suspeito. Não me esperaste na estação. Não estás prompta quando venho buscar-te e me olhas como si temesses que eu te mordesse. Si estivesse enganando-me...

Madge avançou para elle, atirando-lhe os braços ao pescoço.

— Escuta, querido — exclamou: — não tens o direito de suspeitar de mim. Nunca me occorreu enganar-te. Estou apenas nervosa. Nada mais. Tinha o presentimento de que o negocio não marcharia bem, mas felizmente parece que me equivoquei. Dez mil mais do que esperavas! E' estupendo!

Jake acalmou-se, embora sem se tranquillizar por completo.

— O negocio não me parece bastante raro — disse. — E o ultimo trabalho por que tive de servir parecia tambem muito raro. Como poude Mac Churdy ter conhecimento delle?

— Oh! — replicou Madge. Não percas tempo em pensar nisso. Porventura já não to expliquei perfeitamente uma vez? Não passou de um accidente

o facto de Mac Churdy estar ali quando chegaste. Agora és livre, não é verdade? E's uma maravilha. Dize-me... quando voltaste?...

— Tomei um expresso em Utica minutos depois de concluir o trabalho e cheguei aqui ha uma hora.

Madge retirou os braços que até então conservára em redor do pescoço de Jake e o olhou surprehendida por um instante.

— Utica?... — repetiu.

— E' claro! Não te lembras acaso que te disse ser ali que eu pensava fazer esse trabalho? Procura tranquillizar-te e recuperar tua calma habitual.

— Naturalmente — exclamou Madge. — Esqueci-o somente por um minuto.

A expressão de terror reappareceu nos olhos da mulher.

— Escuta, querido — continuou ella: — tens muito dinheiro. Sê bom e leva-me para longe. Que achas si fossemos a Tia Jeanna, no Mexico? Sempre desejei sahir deste paiz por uma temporada.

Jake pareceu surprehendido, por um instante, e em seguida seu rosto se illuminou.

— Esplendido! — exclamou. — A idéa parece-me excellente. Vamos andando. Oh! — ajuntou. — Estás admiravel com esse vestido novo.

E, apanhando a valise de Madge, sahiu do aposento, no que foi acompanhado pela mulher.

A brilhante luz das lampadas da estação de policia illuminou o forte queixo de Mac Churdy quando este levantou a vista da informação que tinha deante de si. Seus olhos lançaram chispas de furia.

— Que significa isto? — perguntou ao detective sentado deante delle. Collocamos quinze homens em Syracusa para prender Jake Scholz, e alguem põe as impressões digitaes de Jake em uma caixa forte em Utica e foge com dezoito mil dollars. Quem é o culpado do erro? Você, porventura?

O detective poz o chapéu para traz e coçou a cabeça.

— Não posso imaginar o que occorreu — disse. — Madge Flandreau é nossa melhor pesquisa. E tenho certeza de que não ha possibilidade de estar ella apaixonada por Jake, uma vez que nos descobriu seus planos em outras occasiões. Madge jurou-me que havia ido a Syracusa.

Mac Churdy deu um violento murro a mesa.

— De maneira que a Flandreau era a sua informante, hein? — gritou. — E Madge Flandreau era uma antiga artista. Disse que Jake estaria em Syracusa. E Jake fez um trabalhinho fino em Utica. Você é muito intelligente, não é verdade?...

Mac Churdy deteve-se, lançando em seu subordinado um olhar furibundo.

— Você é um orgulho para o Departamento, não é verdade? E não sabe você que uma artista como Madge Flandreau é incapaz de distinguir todas essas pequenas cidades petroliferas uma da outra?

— Mas — objectou o detective. — Madge desappareceu. Por que fez tal coisa?

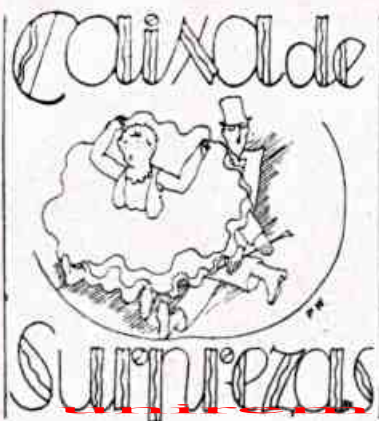
— Ella é uma mulher intelligente — respondeu Mac Churdy. — Sabia que é muito difficil explicar essa especie de engano...

C. LINDLER

OS RABINOS MILAGROSOS NOS BANQUETES DE BODAS — Sabe-se que na Polonia, na Rumania e na Techeco-Slovaquia ha uma vintena de rabinos qualificados de milagrosos e que, ao mesmo tempo, são medioeres, advogados e juizes de seus correligionarios.

Recentemente casou-se o filho do "rabino milagroso" de Sandor, na Polonia, com a filha de seu collega de Vizuiz (Techeco-Slovaquia). Os convidados, procedentes de ambos os paizes, assim como da Rumania e da Hungria, reuniram-se em numero superior a sete mil.

Quando a joven noiva appareceu com toda a graça de suas dezeseis primaveras, cada um dos convivas, de accordo com o costume, quiz beijál-a. A infeliz menina, habituada, sem duvida, por uma severa disciplina a curvar-se ante as exigencias da gloria, prestou-se, de bom grado, a esta formali-

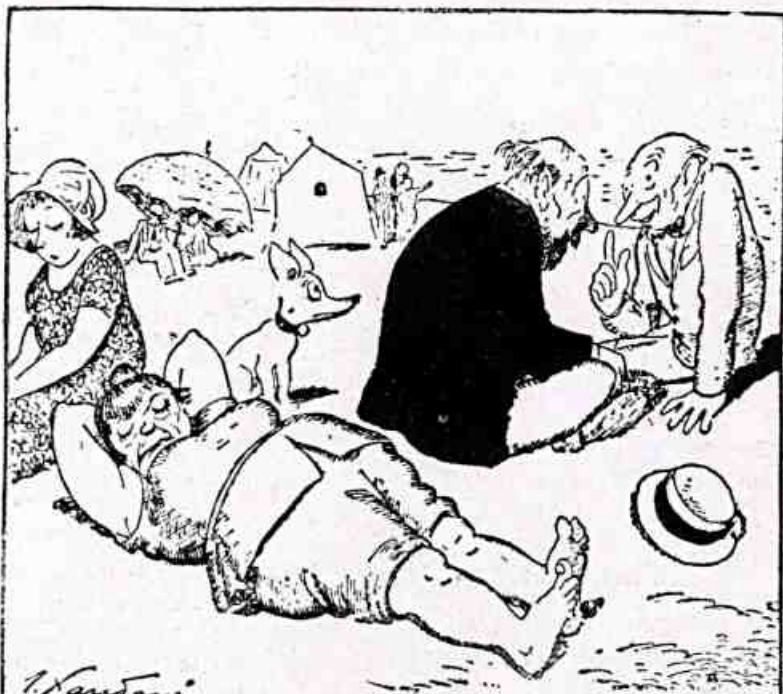
dade, que durou mais de quatro horas.

Em seguida realizou-se um banquete pantagruelico. Todos os viveres da comarca haviam sido literalmente monopolizados nesta occasião pelos organizadores do festim nupcial e, varias legoas ao redor, não se encontrava qualquer comestivel.

Depois do "heliogabalesco" banquete, para que nada faltasse acabou a orgia com um baile animado e alegre em extremo, no qual a noiva, como manda a tradição, teve que dançar com todos os convidados que lhe solicitaram esta honra.

*

POSSIBILIDADES DO TELEPHONE RADIOCTIVO — O inventor Marconi menciona, num artigo do *Pearson Magazine*, o que se terá em breve futuro com a radiotelephonia. "As mais ousadas prophecias concernentes ao seu desenvolvimento serão insufficientes para indicar as possibilidades de um systema aperfeiçoado de estações altamente afinadas e receptores altamente sensiveis. Virá o dia em que a voz do rei da Inglaterra será ouvida pelo mais humilde de seus subditos, assim como a de qualquer outro chefe de Estado. Na America, mesmo, póde-se dizer quasi está para chegar o dia em que os discursos dos candidatos po-

liticos poderão ser ouvidos ao mesmo tempo por milhões de seus partidarios ou quando os debates na Casa dos Sarady ou na dos Communs poderão ser ouvidos pela nação inteira. Dia virá em que a "voz do governo" não será mais uma figura de rhetorica mas a verdade.

Chegará o dia em que, depois que uma voz de aviso limpas do ether toda a tagarelagem sem importancia, as grandes vozes da humanidade, de sabios, estadistas, religiosos, artistas e autores discursarão de uma grande Universidade Central para ensinar a dez milhões de estudantes espalhados talvez em toda a Europa. Dia virá em que será possivel se ter musica de dança ou uma grande opera numa herdade perdida no sul africano ou nas mattas australianas ou no coração do Brasil, tal como hoje se ouve uma banda sentado a um banco de jardim publico. Todas essas coisas são, não somente possiveis, mas muito provaveis por meio da radiotelephonia.

— Faz já dois mezes que ella se submette ao tratamento dos raios ultra-violetas, que não têm adeantado nada. Precisaria experimentar os outros.
— Os infra-vermelhos?
— Não. Os outros... Os de trovão!...

Approximam-se as festas do NATAL. O que irá dar o senhor este anno á sua esposa e filhinhos? Offereça-lhes, como encantadora novidade, a machina de costura portatil GENERAL ELECTRIC, a qual é provida de motor e de pharol electrico e um jogo completo de pertences, que permittem fazer lindos vestidos e roupinhas para as crianças.

MACHINA DE COSTURA

GENERAL ELECTRIC

á venda nos revendedores autorizados e na
Lojas "GENERAL ELECTRIC" S.A., Av. Rio Branco, 114-Rio

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 51

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1932

Almas incomprehendidas

— VAMOS! como foi que você começou a gostar de mim?

— Ora essa! Gostando... Você, Ione, é muito interessante... Quer saber tudo, tim-tim por tim-tim... O amor não se explica. *L'amour passe et frappe... L'amour: un tremblement de chair*. E' o que diz o illustre Henri Bataille... Não concorda?

— Sim. Mas, você, Léo, deve ter achado em mim alguma coisa de caracteristico... Que foi?

Léo fitou-a bem no fundo dos olhos azues, e sorriu. Ella — o mesmo jogo.

— Vamos! — insistiu Ione. Que foi?

— Foi o azul dos seus olhos...

— Só?

— E quer mais? Nesse azul hypnotico, que fluctúa em chammas inquietas, no fundo dos seus olhos redondos, descobri um encanto, novo, ou antes, todo o potente encanto da sua alma...

Embaraçada, confusa, como quem é apanhada num delicto, Ione bateu as palpebras, apressada, num nervosismo indisfarçavel. E tentou uma facécia qualquer, para encobrir a sua grande emoção.

Léo, com uma argucia penetrante, percebeu a dissimulação da garota. Num gesto muito seu, alisou os cabellos para traz. Fitou a face branca e fina de Ione, comprimindo um sorriso indefinivel.

Ella insinuou:

— Dizem, no emtanto, que a mulher não tem alma...

E Léo, rápido, fulminante:

— Mas eu fui encontrar a sua, nos seus olhos profundos. Não negue, Ione. Você tem uma alma! E o que é mais amargo, a sua alma soffria, soffria muito, no momento em que eu a conheci. Não diga que não acertei. As mulheres fingem, simulam, mentem, é verdade. Mas, lá vem um dia em que se deixam surprehender, num minuto de sinceridade... E, então, basta um olhar mais attento, mais esmiuçador, para lhes descobrirmos o segredo da alma, no bailado ardente das retinas. Depois, fechamos os olhos, e deixamos que ellas falem. E uma palavra solta, uma inflexão mais apagada ou mais viva, de repente, nos denuncia todo o drama que ellas escondiam lá dentro.

Olhos baixos, Ione ouvia a voz do moço. Uma voz unctuosa, grossa de emoção, como si viesse do fundo do seu eu.

Subito, ella assistiu a este espectaculo emocional: Ione palpitou, como um junquilho tenro, sob uma chuva de pranto. Quando poude falar, ella se expandiu, jogada aos braços nervosos de Léo:

— Sim... Sim... Eu soffria e soffro. Até aqui ainda não havia encontrado um h o m e m que comprehendesse a minha dôr, a tragedia intima do meu ser. Menti sempre. Sorrio sempre. Zombo do amor como todos os que se dizem fortes, inflexiveis, capazes de inspirar uma paixão. Mas, o certo é que nunca fui amada como sinto e penso que devo ser amada. Você, Léo, foi a revelação dessa creatura que me haveria de comprehender. E, agora, eu lhe agradeço, de joelhos, o grande bem que me fez, enchendo a vida que ha tanto eu sentia erma, vazia, rasgada para o ideal que não chegava nunca.

Uma pausa. A seguir, tomando as mãos geladas de Léo, procurando-lhe os labios pallidos, os labios cheios de amor, que ella ainda não havia beijado, soluçou como sabe soluçar uma mulher que ama:

— Léo, Léo, eu o amo... Eu o amo porque você tambem soffre, porque nunca foi amado com sinceridade, com effusão, com alma, com ardor. Vamos! Diga! Você me ama com essa mesma ansia de felicidade?

— Sim.

— E não porá em duvida o meu amor?

— Não.

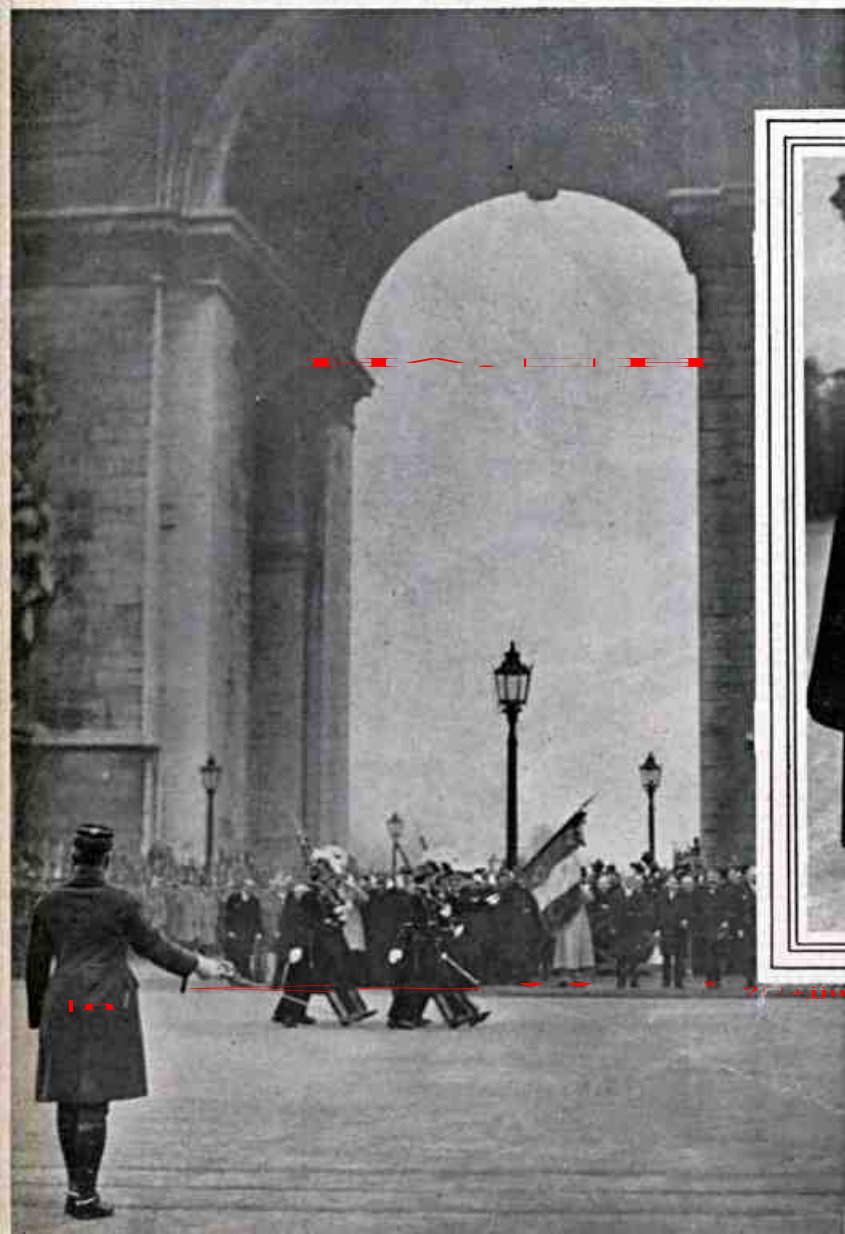
— E jura que me amará muito, muito, sempre, sem repouso, sem descanço, sem vacillações, mesmo que ainda venha a ser mais desgraçado do que foi?

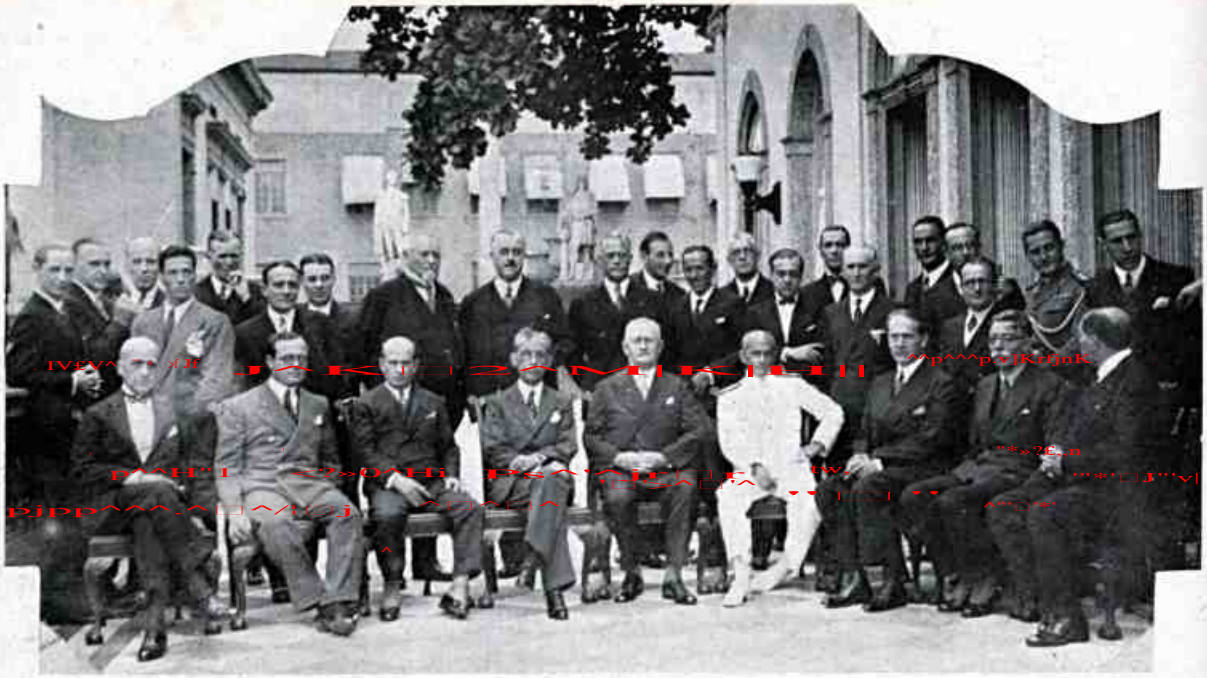
— Sim, sim, Ione, eu a amo! E eu a amo porque a unica ventura que conheço em amor, é esta, a deste momento, a deste instante, — a de ver uma mulher chorar, deante de um homem que nunca foi amado...

Ione gemeu, soluçante:

— Léo, Léo, diga que não é mais desgraçado, que é feliz, muito feliz, meu amor!...

Bastos Portela

"FON-FON" EM PARIS

Em commemoração ao 14.º anniversario do Armistício, realizaram-se em Paris varias solennidades civicas. Esta pagina focaliza o presidente Lebrun deante dos grandes mutilados da Guerra Européa; o desfile dos alumnos da Escola de Saint-Cyr no Arco do Triumpho; outro instantaneo do presidente Lebrun quando cumprimentava o general Gourand.

Constituiu, com duvida, um acontecimento de grande repercussão mundana e artistica, a festa de formatura das dip[illegible]adas em 1932 pelo Instituto de Musica. Para isso foi organizado um variado programma, que constou de um[illegible]a, celebrada no dia 9, pela manhã, na igreja de S. José, e da cerimonia da entrega dos diplomas realizada á tarde, [illegible]quelle estabelecimento, com a presença de altas autoridades e familias das diplomadas. A nossa gravura apresenta aspectos dessas duas cerimonias, e um outro do baile que se realizou sabbado á noite, nos luxuosos salões do Automovel Club do Brasil, encerrando brilhantemente o programma das festas promovidas pelas novas artistas da harmonia.

ARVORES ESQUISITAS

No Mexico, existe uma das arvores mais curiosas do mundo. Chamam-lhe alli "arbol de la flor mano."

Do centro de cada flor brota um talo vermelho da forma dum braço com sua mão. As pontas se encurvam como dedos e têm uma especie de unhas.

Cada arvore produz umas mil dessas flôres, as quaes, vistas de longe, parecem mãos ensanguentadas que se agitam no ar.

Os antigos mexicanos veneravam-nas e não permittiam que se arrancassem essas flores maravilhosas.

O rival dessa arvore é a laranjeira de cinco dedos do Japão, que raramente attinge mais de metro e meio de altura e dá um fructo semelhante á mão humana.

O ministro Hubert Knipping

Por motivo de sua proxima partida para a Allemanha, o sr. ministro Hubert Knipping, que vae deixar definitivamente o Brasil, onde durante oito annos representou com brilho o seu paiz, no caracter de plenipotenciario, recebeu, na semana passada, varias homenagens de despedida, entre as quaes sobresahiram o almoço offerecido a s. ex. pelo ministro das Relações Exteriores, no palacio do Itamaraty, e o que se realizou no Jockey Club, por iniciativa de um grupo de brasileiros amigos do illustre diplomata. Os dois «clichés» desta pagina focalizam, no alto, o ministro H. Knipping ao lado do ministro Afranio de Mello Franco, após o almoço do Itamaraty, e, em baixo, um aspecto tomado pouco antes do almoço do Jockey Club.

SABEDORIA

A morena é mulher para os olhos, assim como a loira o é para a imaginação. — *Palacios.*

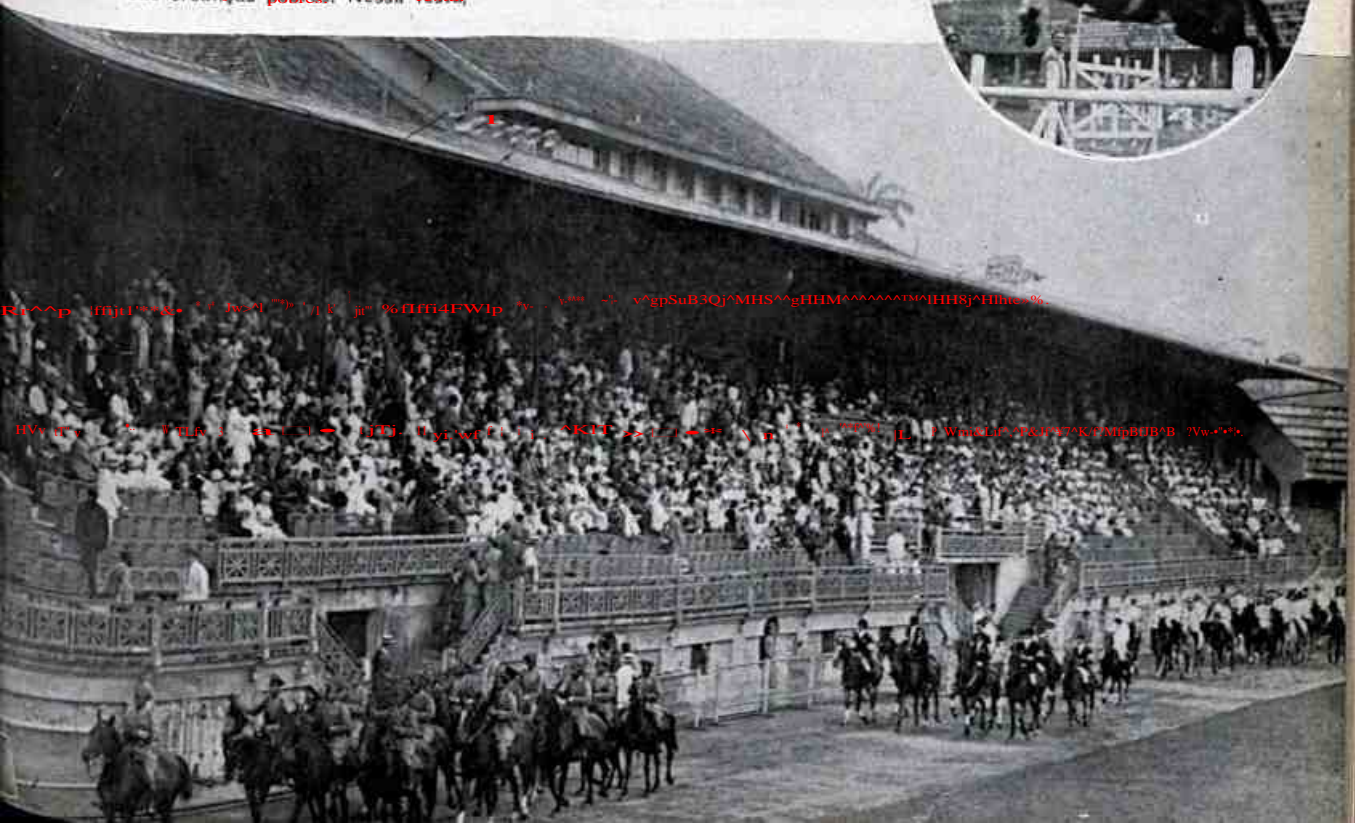
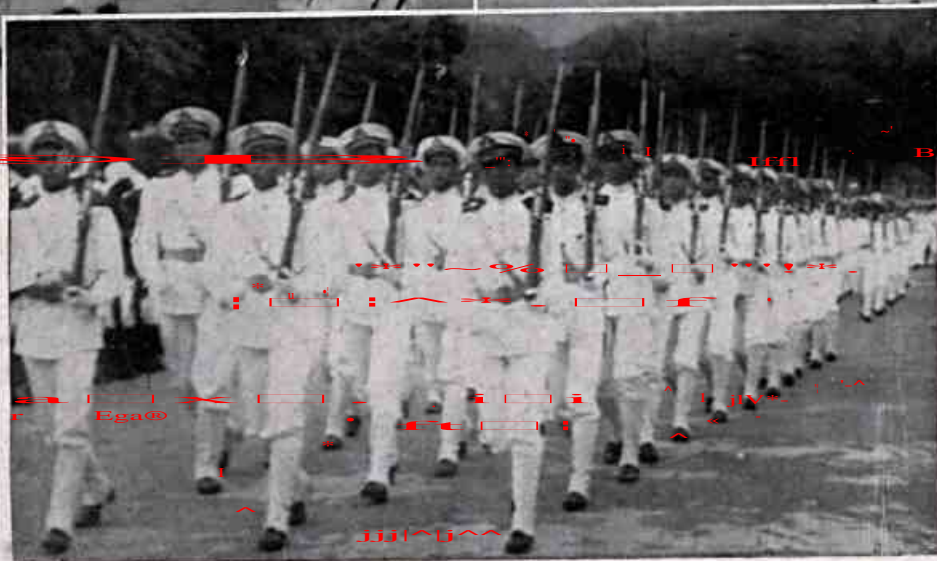
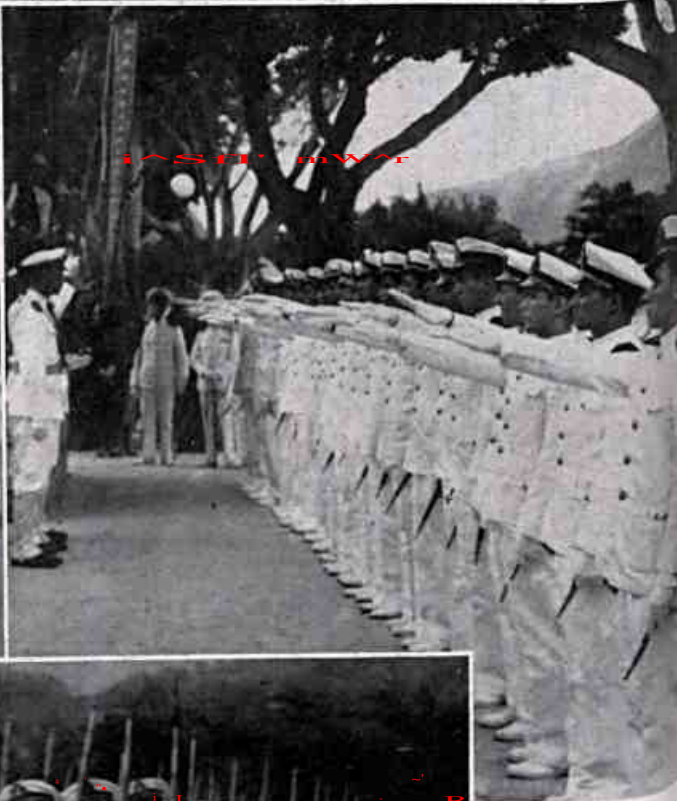
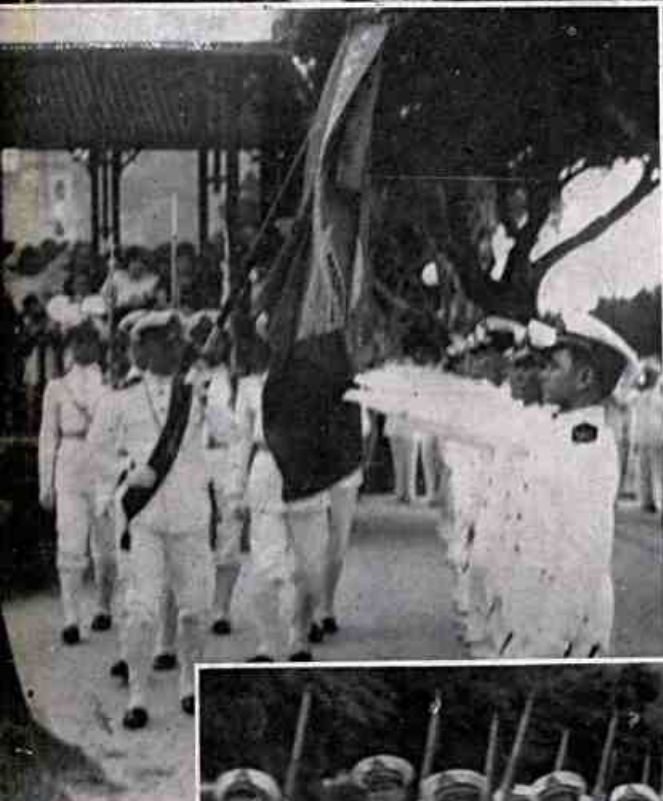
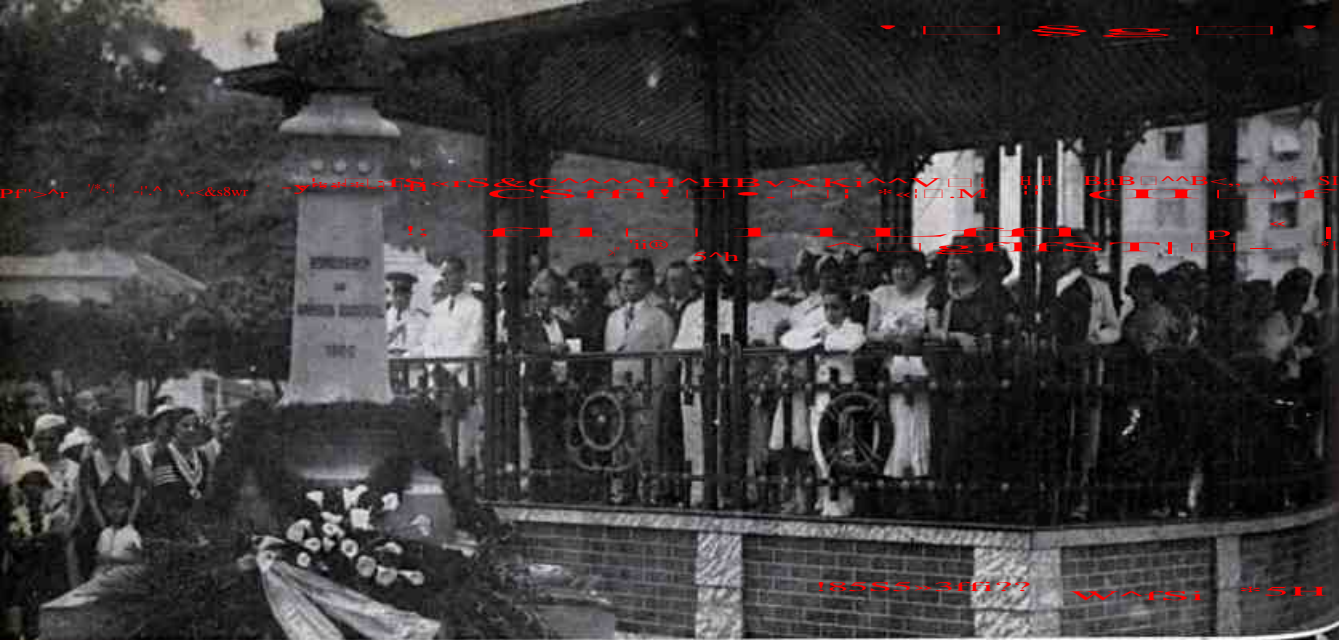
*

Em amor, basta um só "momento" para converter uma penitente em peccadora. — *Du Bosc.*

*

Uma mulher perdôa tudo, menos que a desprezem. — *J. J. Rousseau.*

FESTA HIPPICA

Muito brilhante foi a grande festa hippica que o Fluminense F. C., em acção conjuncta com as sociedades representativas do hippismo, realizou no seu stadium, em beneficio do Natal das creanças pobres. Nessa festa, que constou de varios numeros de corridas e de obstaculos, e que a tornou sobremodo attrahente, tomaram parte innumeros officiaes do nosso exercito, eximios cavalleiros e um grupo de amazonas da nossa melhor sociedade.

O «Dia do Marinheiro» foi, este anno, commemorado com varias solennidades promovidas pela Armada e de cujo programma fez parte a formatura, para juramento á Bandeira, dos novos guardas-marinha, que, depois de desfilar deante da herma do almirante Tamandaré, á praia de Botafogo, prestaram o solenne compromisso de bem servir á Patria.

De regresso do Velho Mundo, encontram-se, entre nós, os nossos distinctos e prezados companheiros de redacção, Ary Sérgio Silva e Sérgio Silva Filho. Sérgio Filho, o nosso querido Serginho, que se achava na Europa, ha cerca de um anno, viajou, com o seu illustre irmão, a bordo do transatlantico inglez «Highland Princess». Ary e Sérgio percorreram os principaes paizes do continente europeu, aperfeiçoando os seus estudos e adquirindo ali conhecimentos praticos da vida, sob os seus vários aspectos. O regresso dos nossos queridos companheiros de trabalho foi um pouco precipitado, por motivo de molestia, já agora, felizmente, debellada, na pessôa do seu progenitor e nosso eminente director, sr. Sérgio Silva. A presença, portanto, nesta casa, de Ary e Sérgio, foi quasi uma surpreza para nós, mas uma bôa surpreza, que nos encheu de jubilo e contentamento indizivel, uma vez que pudemos abraçál-os e vêl-os fortes, alegres, contentes com a sua mocidade activa, radiosa e proficua.

Realizou-se sabbado ultimo, no Jockey Club, o annunciado almoço que os amigos e admiradores do capitão Punaro Bley, interventor federal no Estado do Espirito Santo, lhe offereceram para festejar a sua ultima visita ao Rio de Janeiro.

Caverna de Ali Babá

O dr. Hernani de Irajá, nome de accentuada projecção nos circulos scientificos desta capital, acaba de publicar um novo e interessante trabalho — «Tratamento dos Males Sexuaes», e, em 3.ª edição, «Morphologia da Mulher», obra em que estuda, com minuciosidade e clareza, varios problemas eugenicos.

CURIOSIDADES

O grande compositor Rossini era muito preguiçoso e conta-se que, certa vez, quando escrevia uma romanza deitado na cama, cahiu ao chão a folha de papel e elle, afim de não se abaixar, preferiu começar outra romanza...

A primeira edição official do Diccionario da Academia Franceza publicou-se em 1694, sessenta annos depois de haver sido começado. Desde essa data, a douta corporação editou sete edições dessa obra.

A Academia Espanhola já publicou quinze edições do seu diccionario e a Portugueza parou no "rbo" aguarrar...

Existem no mundo 41.700 estações transmissoras de radio, das quaes 24.500 estão situadas nos Estados Unidos.

Até hoje constituiram-se 122 aerostatos Zeppelins de varios typos.

Nas alfandegas sovieticas russas passam sem pagar direitos todos os jornaes e revistas do mundo, menos os da moda.

A maior estação central telephonica do mundo é a do edificio do City Bank Farmers Trust C.º de Nova York, a qual possue 8 mil linhas e attende a uma media de 150 mil chamados cada 24 horas.

Calcula-se que o numero de pessoas que se utilizam dos ascensores em Nova York é tres vezes maior do que o das que viajam nos trens subterraneos, bondes, autos, omnibus e qualquer outro meio de locomoção.

Renato Almeida é um nome de prestigioso relêvo nos circulos culturaes do paiz. Autor de varios ensaios literarios e philosophicos, o consagrado escriptor de «Fausto» e de «A formação moderna do Brasil» acaba de publicar «Velocidade», obra de palpitante actualidade, em que estuda a civilização contemporanea vista através da vertigem e da trepidação do seu ambiente de actividade e de progresso. E' um livro que, por isso mesmo, se destina ao mais brilhante successo de livraria.

Tostes Malta é, na moderna geração de escriptores, uma figura brilhante, que se destaca pela maleabilidade e colorido do seu talento polymorpho. Vemol-o tão fulgurante na prosa como no verso, na obra de ficção como na obra de compilação, de especulação scientifica ou de critica. E é assim que elle nos apparece, ora chronista de estylo fluente e cheio de côres impressivas; ora jurista, ora poeta de rimas cantantes e fulgidas, como as de «D. Melindrosa»; ora palestrador eximio, em conferencias como «Poetas mineiros», ou prosador vigoroso e ensaista percuciente tal qual se revela em «Chronicas dos livros», que nos offerece este anno. Nesse volume, Tostes Malta enfeixou uma série de chronicas, ou antes, de criticas literarias e que são as mesmas que vem publicando n'«A Noite», secção que dirige neste vespertino, sob aquelle titulo. Accentuemos, de antemão, que, apesar de serem conhecidos os seus trabalhos, nem por isso elles deixam de interessar, vivamente, a todos que desejam conhecer uma phase intensa da nossa vida mental.

Copernico estudou durante 25 annos o céo, afim de terminar a obra com que revolucionou todas as idéas do mundo em materia de astronomia.

A theoria do transformismo custou tambem a Darwin 25 annos de observação e estudos acurados.

SÉSAMO

Na matriz de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, realizou-se, a 8 do corrente, a cerimonia da primeira communhão dos seguintes alumnos do Externato Mello e Souza: Magdalena Abaeté, Maria Helena Penteado, Eugenia Maria Philippe, Regina Maria de Moraes Rego, Maria Luiza O' Shéa, Maria Thereza Duarte, Neuza Bueno Ribeiro, Humberto Vanardem Ratto, José Antonio O' Shéa e Ney Joppert, que se vêem no grupo acima, depois do banquete divino. A menina Magdalena Abaeté, que apparece no centro, é filha do dr. Mauricio de Abreu, grande amigo de FON-FON.

EXTERNATO MELLO E SOUZA

O Externato Mello e Souza, que se acha installado no palacete da rua Copacabana 1046, e tem como directoras duas figuras illustres do magistério local, as professoras Loura Mello e Souza Campos e Julia Mello e Souza Miranda, é um estabelecimento que se recommenda pelos methodos pedagógicos empregados na educação dos seus alumnos e ainda pela sua organização modelar, inspirada nos mais modernos institutos de ensino da America do Norte, da Allemanha e da Suissa.

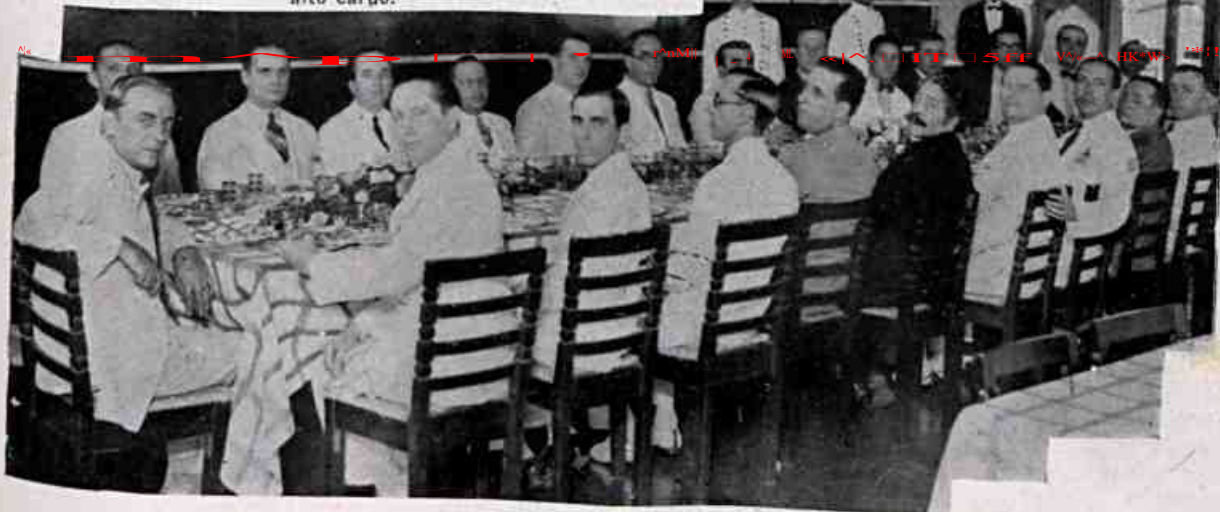
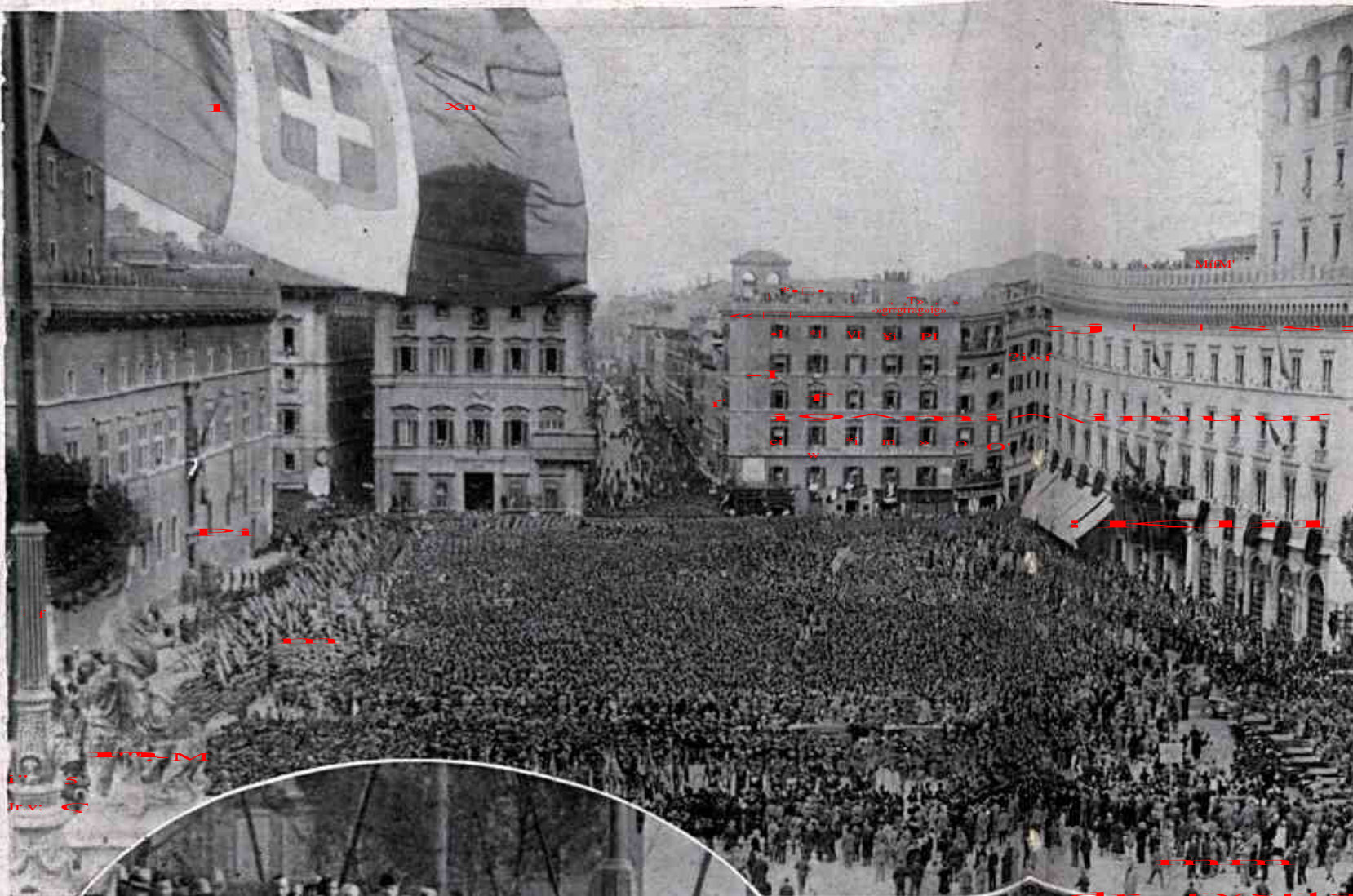
Com oito annos de existência, pois foi fundado em 1924, pela dedicada educadora d. Carolina C. Mello e Souza, o Externato Mello e Souza tem ministrado ensino a grande numero de crianças pertencentes ás mais distinctas famílias de Copacabana. Muito lhe deve, portanto, nesse sentido, o aristocrático bairro.

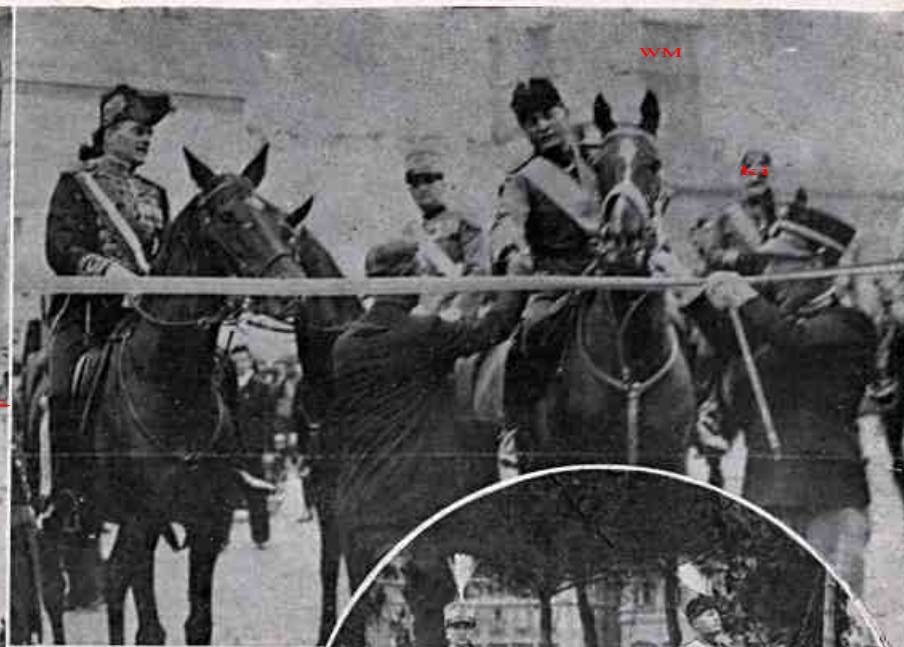
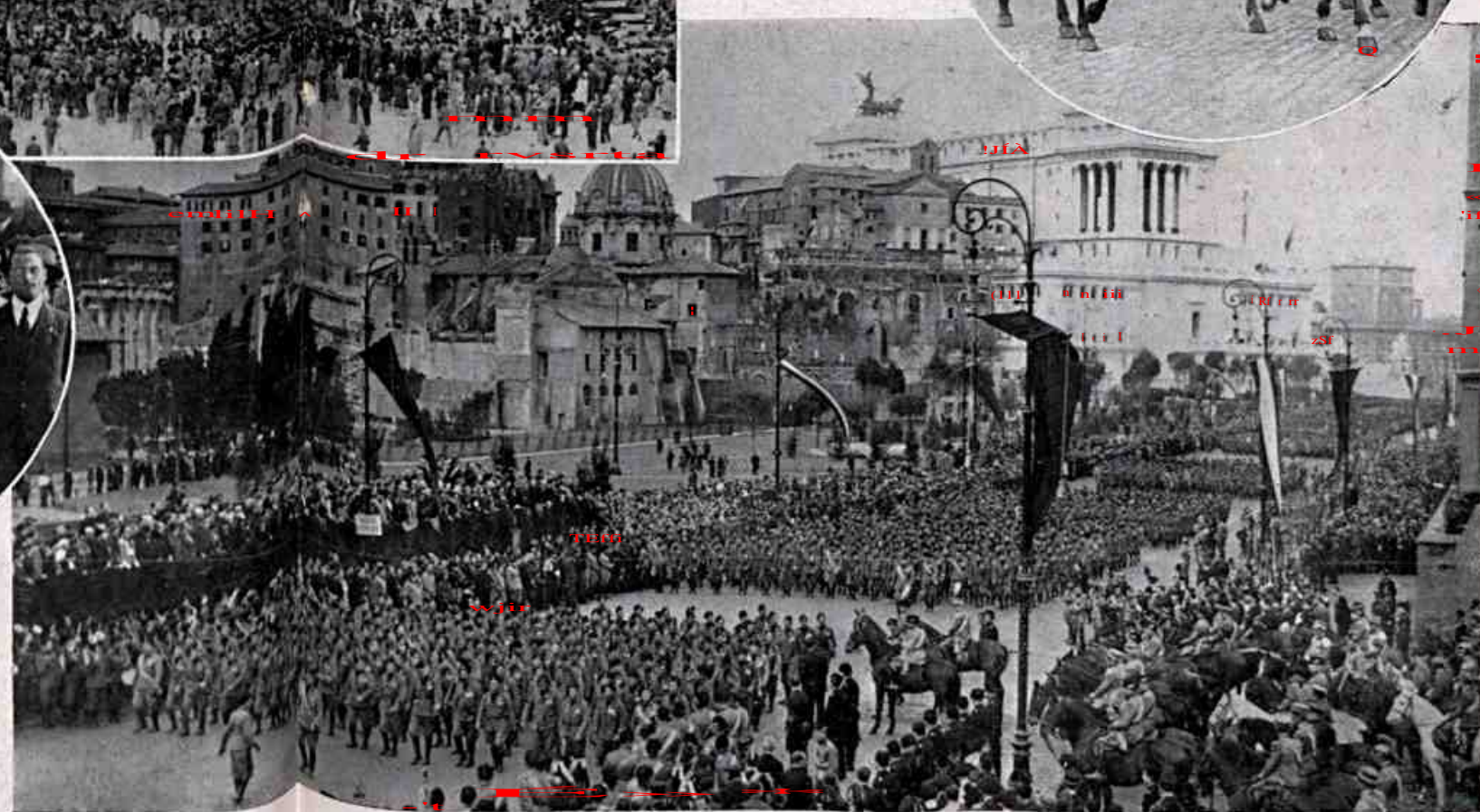
O Externato Mello e Souza mantém, de par com o curso primário, o curso preparatório para os exames de admissão aos cursos gymnasiaes e Escola Normal, tendo em projecto a creação de um curso complementar destinado ás meninas que não queiram seguir o programma dos cursos gymnasiaes.

E' um educandário modelo, que, por tudo isso — pela sua orientação pedagogica e admiravel organização, honra a instrucção primaria em nossa capital.

Um aspecto do almoço que os collegas de turma do dr. Washington Pires, ministro da Educação, offereceram, domingo passado, a s. ex., festejando a sua recente nomeação para aquelle alto cargo.

"Fon-Fon" na Italia

AS COMMEMORAÇÕES DO ANNIVERSARIO DA MARCHA SOBRE ROMA

Revestiram-se de grande brilho, pela sua alta expressão cívica, as festas recentemente realizadas na capital italiana para commemorar o anniversario da marcha sobre Roma. De iniciativa official, essas solennidades tiveram o concurso espontaneo do povo, que se associou, de maneira significativa, á grande data do fascismo. offerecemos nesta pagina alguns flagrantes das festas da Italia nova: a multidão reunida deante do Quirinal. Mussolini inaugurando a nova rua que parte da praça Veneza e vae até o Colliseu, passando pelo Capitolio e o antigo Forum Imperial. O «Duce» passando em revista uma das suas legiões, na «Via dei Fori». O chefe do governo italiano na praça de Veneza. A «Regione dei Mutilati» desfilando deante de Mussolini e seu estado maior, na nova avenida «Dei Fori Imperiali», inaugurada nesse dia.

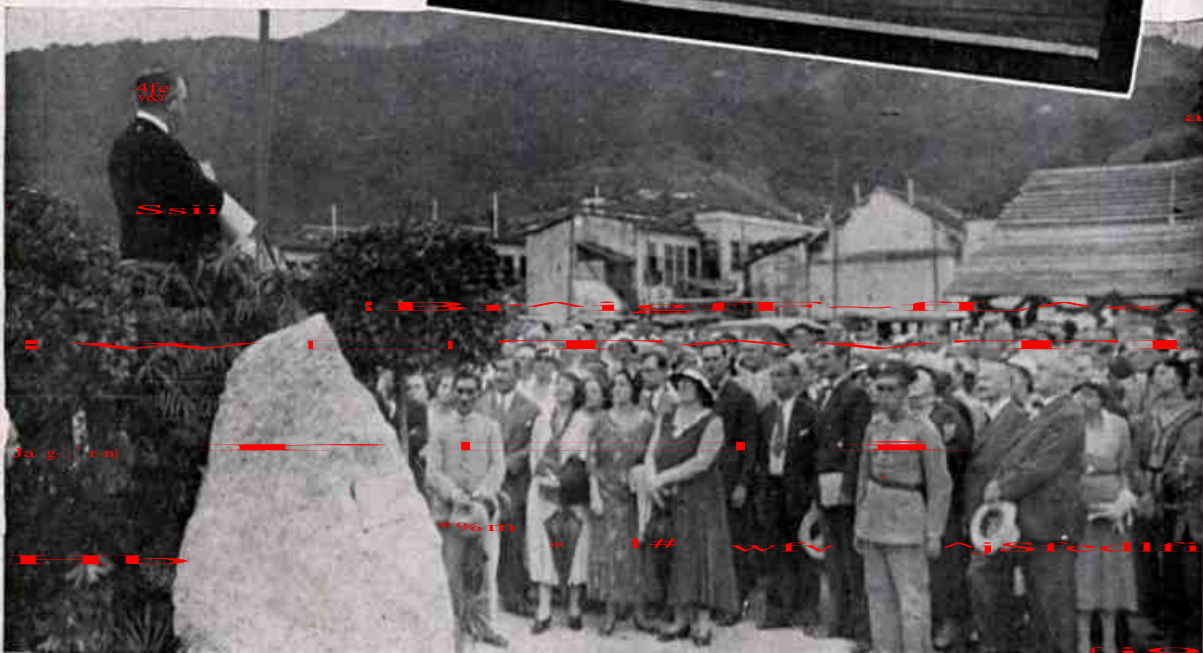
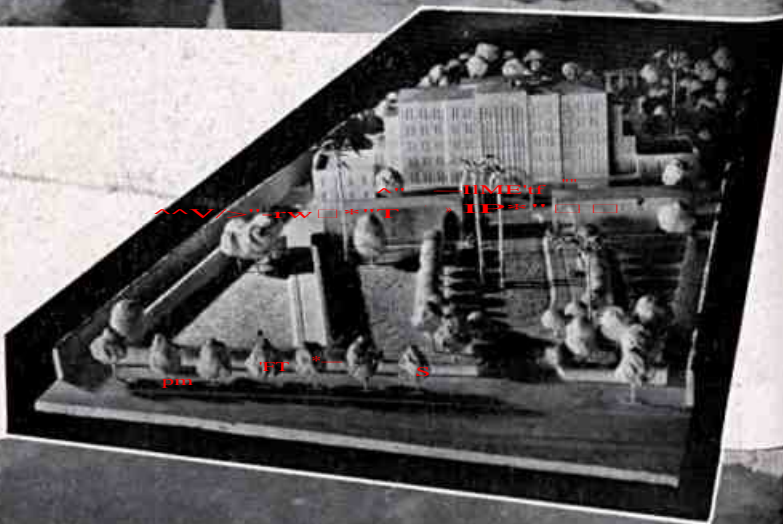
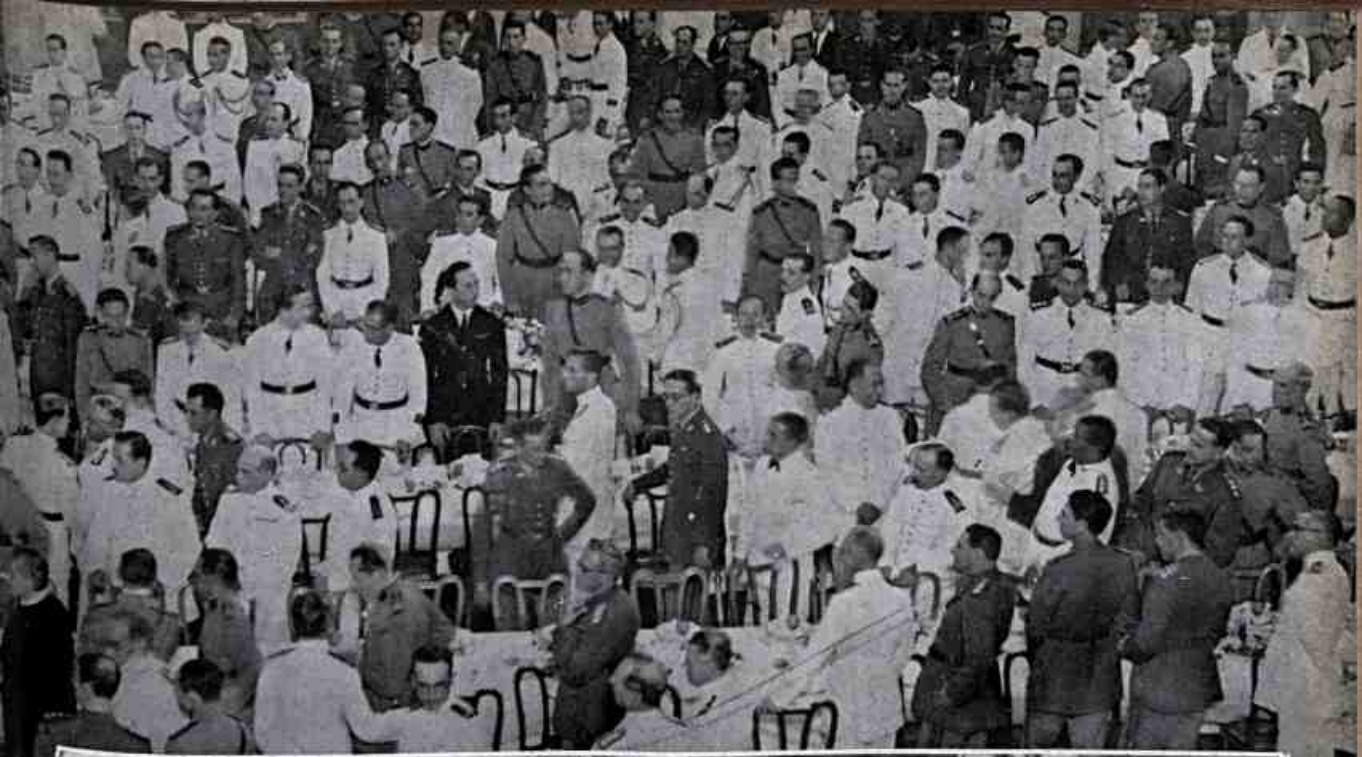
(Photographias do Serviço Especial de FON-FON na Europa).

Os advogados do Rio de Janeiro reuniram-se quinta-feira penultima, no salão do Automovel Club do Brasil para commemorar, num grande almoço de confraternização da classe, o dia do jurista, que todos os annos é solennemente festejado nesta capital.

Os doutorandos da turma de 1922 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro commemoraram no dia 11 do corrente o decimo anniversario de sua formatura, promovendo um almoço festivo, que se realizou nas Paineiras, sob a presidencia do professor Fernando Magalhães, que foi o paranympho da mesma turma. Na gravura acima apparecem os medicos de 1922 em companhia de seu paranympho, pouco antes do almoço de domingo passado.

A photographia ao lado representa um aspecto do almoço com que os bachareis em sciencias juridicas e sociaes da antiga Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro que collaram grão em 1912 festejaram, na penultima quarta-feira, no restaurante do Sylvestre, o vigesimo anniversario de sua formatura. Tomaram parte no ágape, os professores Raul Pederneiras e Catta Preta, que figuram no quadro dos bacharelandos daquelle anno, como homenageados da turma.

VIDA ESCOLAR

As alumnas que concluiram o sexto anno commercial e profissional da Escola Paulo de Frontin mandaram celebrar, por esse motivo, uma solemne missa em acção de graças, que se realizou na Cathedral Metropolitana, no dia 9 do corrente, officiando monsenhor Caruso, que se vê no grupo de cima, formado pelas novas diplomadas, ao lado da directora daquelle estabelecimento de ensino, d. Andréa Borges da Costa. As outras duas photographias focalizam: ao centro, um flagrante do acto da entrega de diplomas, ceremonia essa presidida pelo representante do director da Instrucção Municipal, que ahi se vê; em baixo, grupo das diplomadas, entre as quaes se encontra a gentil senhorita Dulce Lucia, filha do nosso prezado companheiro de trabalho Pedro Virgilio de Macêdo.

Foi lançada, festivamente, na penultima quinta-feira, a pedra fundamental do futuro Hospital Allemão, que a colonia germanica do Rio de Janeiro vae construir á rua Barão de Itapagipe e representará, sem duvida, um grande esforço dos allemães aqui domiciliados em beneficio do serviço de assistencia medico-hospitalar da cidade. A cerimonia realizou-se com a presença do ministro da Allemanha, sr. Hubert Knipping, de representantes das altas autoridades brasileiras, figuras destacadas da colonia, medicos, jornalistas e outras pessôas gradas. Focaliza o nosso «cliché» dois detalhes da solennidade e uma photographia da «maquette» do futuro estabelecimento hospitalar da Associação Beneficente Hospital Allemão.

O general Góes Monteiro recebeu, segunda-feira, por motivo de seu anniversario natalicio, que passou naquelle dia, varias homenagens promovidas pelos collegas de farda e pelos amigos e admiradores do illustre militar. Nos «clichés» desta pagina se vêem aspectos das principaes festas com que foi homenageado o ex-commandante do Exercito de Léste: o almoço dos militares, no Automovel Club do Brasil, em cima, e o banquete que se realizou á noite, no Palace Hotel, por iniciativa dos amigos civis do general Góes Monteiro, em baixo.

O Club 15, de Alfenas, solemnizou com uma brilhante festa, dedicada á sociedade local, a posse de sua nova directoria, recentemente eleita para o periodo 1932 - 1933, e cujos membros apparecem no «clichê», em companhia dos seus collegas da directoria anterior.

FOI NUMA MANHÃ ASSIM...

Chove...

Uma chuva impertinente, que parece não querer cessar mais, trazendo um pouco de nostalgia ás ruas tão alegres nos dias de sol, molha nesta manhã friorenta de novembro a face da cidade que foi o berço do nosso grande affecto emotivo e é, hoje, o tumulo das nossas illusões defuntas...

Nesta hora triste para a cidadezinha florida, que podia sorrir alegre si o sol, piedoso como sempre, viesse massacrar com o seu calor essa humidade enervante, essa monotonia doentia, o seu vulto amado se desenha na minha lembrança e você, menina-moça, dentro daquella belleza tão grande que eu nunca consegui decantar nos meus poemas pequeninos, surge, novamente, no meu pensamento, como para me torturar espiritualmente, como para reviver sonhos miraculosos que a sua covardia de mulher, deante de um pequeno obstaculo, fez desapparecer para sempre...

Sim, por que nunca pensei que você retrocedesse deante de um imprevisto que, facilmente, venceriamos si, mutuamente, houvesse um pouco de sacrificio e uma parcella de coragem. Mas, si eu quiz enfrentar, si eu tentei enfrentar, si eu quiz romper os obstáculos que se nos depararam, você se mostrou contraria, você teve medo e preferiu renunciar á felicidade que, talvez, muito pouco, poderia nos custar...

Você preferiu matar um amôr, esse amôr em que puzemos a nossa vida e a nossa mocidade, a ter que alimentar um sacrificio. Alimentar um sacrificio, sim, para que com elle tudo enfrentassemos e, ao final, attingissemos a felicidade almejada...

Mas, você não quiz. Preferiu o amargor da derrota, em troca do sabôr delicioso da victoria.

E si, numa manhã assim, friorenta e triste, poderiamos, num recanto silencioso, proclamar, entre beijos ardentes e caricias de amôr, o resultado triumphante do nosso sacrificio, eu revejo apenas no seu vulto amado, que se desenhou na minha lembrança, nesta hora de evocação e de saudade, o cadaver de uma grande illusão, que desappareceu tão depressa, e de um amôr tão grande, cuja lembrança jamais desapparecerá...

* * *

Chove...

A chuva impertinente, que está molhando a face da cidadezinha florida, veiu trazer a sua figurinha deliciosa ao meu pensamento, augmentando sensivelmente a saudade que ainda tenho de você...

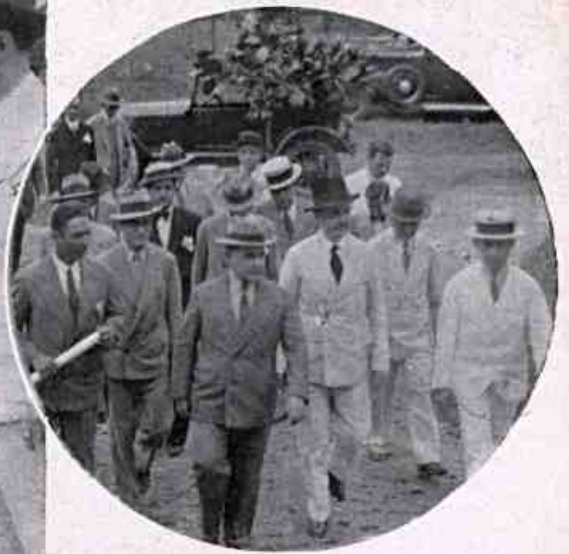
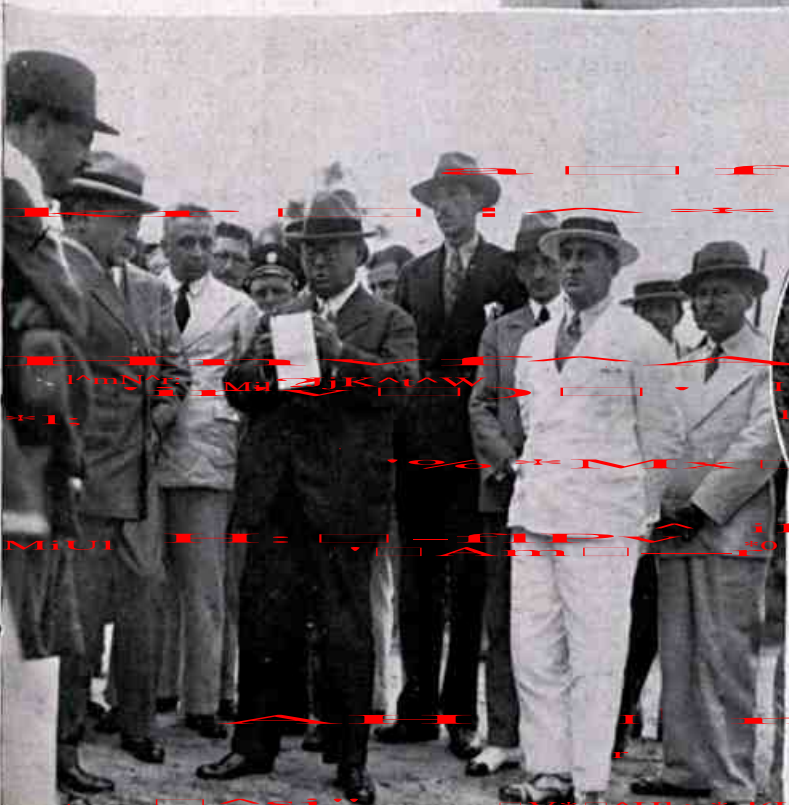
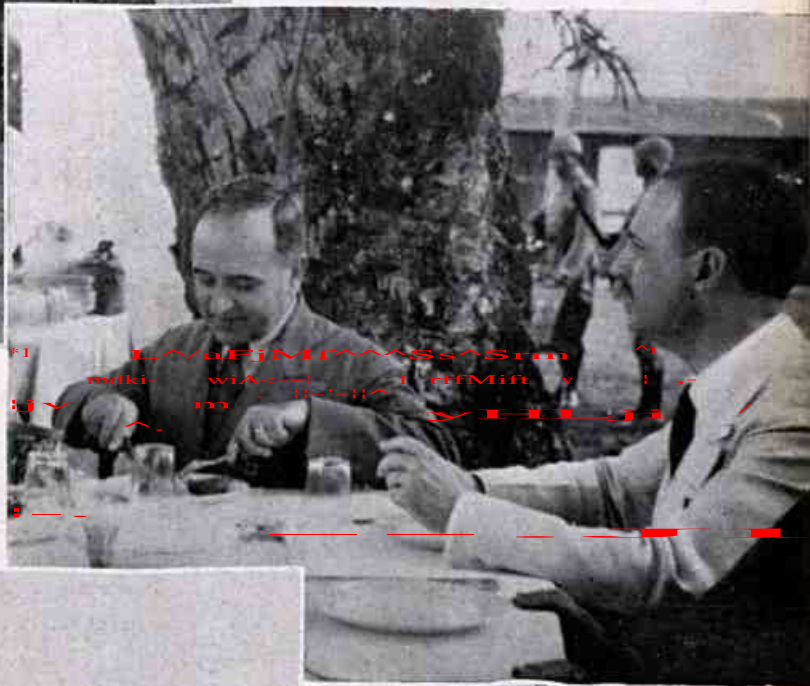
Sabe por que?

Porque foi numa manhã assim que você me deixou...

EDWALDO CALMON

A senhorita Ottilia Ferreira da Costa e Souza, que terminou com distincção o curso da Escola de Professores do Instituto de Educação, conquistando logar de destaque entre suas collegas.

O dr. Leopoldo Eymael, que acaba de concluir o curso medico na Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, é uma figura brilhante de sua turma, tendo se distinguido nos bancos academicos pela intelligencia e pelo devotamento á nobre carreira que abraçou. O novo medico tem recebido, pela sua formatura, muitos cumprimentos e homenagens dos seus collegas e amigos.

O dr. Felipe Figliolini, distincta figura da classe medica paulista, diplomado em 1912 pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, acaba de visitar esta capital, onde tomou parte nas festas commemorativas do decimo anniversario de formatura de sua turma. Especialista em radio-diagnostico e clinica do apparelho diggestivo, o dr. Figliolini goza de optimo conceito nos circulos scientificos e sociaes de São Paulo.

Acompanhado dos ministros do Trabalho e da Viação, drs. Salgado Filho e José Americo, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, visitou, domingo passado, o marco que commemora a posse das terras da Fazenda São Bento e o inicio do nucleo agricola que o Ministerio do Trabalho vae construir naquelle local.

Offerece esta pagina vários flagrantes dessa visita do chefe do governo, que foi alli homenageado pelo prefeito e pela população de Nova Iguassú.

TELEPAÇÕES

TRATA-SE de um casal positivamente feliz...

Quando *madame* e mais o marido apparecem na praia, os banhistas gozam um pedaço a insensibilidade de ambos.

Ella guarda o seu melhor sorriso para quando o *outro* chega, isto ao tempo em que o esposo está num posto de banho distante, com *outra*...

Porque é preciso que se saiba de uma coisa: quando o casal apparece, já os *habitués* da praia esperam pelo resto da historia. Ella, esplendidamente despida, atira-se sobre a areia com um bocejo de fadiga... Elle, inspecciona, ligeiramente, o local, beija a mão de *madame* e larga-se para outras bandas. E, quando chega o divertimento de *madame*... O rapaz moreno aproxima-se com o maior desembaraço, beija tambem a mão de *madame* e alli se installa certo de que não será incommodado nas duas horas seguintes.

Depois do banho, o rapaz foge, o marido chega de volta do outro posto e *madame*, sempre com um sorriso feliz á flôr dos labios, recolhe-se ao lar...

Tudo tão natural, que até a gente chega a ter inveja...

Ou será que não está certo?...

O capitalista anda brincando com fogo, o que, evidentemente, é coisa muito perigosa, em se tratando de um homem cheio de responsabilidades, inclusive de familia. Mas, a garota que tem a ventura de fazer diariamente o trajecto para o trabalho, refestelada nas almofadas do automovel do capitalista, é muito sabida, e não vae para conversas fiadas. O que ella está fazendo, presentemente, representa apenas uma operação financeira pois, emquanto desfructa as delicias do automovel, economiza os cobres do bonde para as pequenas necessidades domesticas.

Entretanto, o homem dos dinheiros vae ficando allucinado com a esperança de uma conquista facil, como tantas outras que elle tem lido nos romances, quando, aos domingos, fica em casa de *papo p'ro ar*, gozando a paz santa da familia...

Vamos acompanhar o desenrolar dos acontecimentos para vêr em que param as modas, pois temos convicção de que o capitalista vae ser comido por uma perna e ainda tem de achar graça...

Emquanto as feministas invadem, discricionariamente, o dominio do sexo forte, ha homens que, em «révanche», demonstram não ser difficil mudar de sexo... pelo menos na apparencia... Darwin é um desses. O famoso artista imita as mulheres com tal perfeição, que será capaz, vestido assim, de incendiar corações masculinos... Darwin está fazendo grande successo no palco do Broadway, de onde passará, na proxima semana, para o Eldorado.

O elegante casal resolveu passar o verão, este anno, no Rio. Foi uma idéa que partiu de *madame*, e que, por diplomacia, o marido não teve coragem de repellir. Assumpto muito delicado, que não convém apurar... Mas, a esposa do rapaz tem carradas de razões, porque o marido, no ultimo verão, foi absolutamente incorrecto, inventando, a cada instante, os mais futeis pretextos para ficar nesta capital cuidando de negocios...

Madame ficava só, em Petropolis, ralando-se de ciume. Entretanto, acabava acceitando as desculpas do esposo, que tem labia para enganar, como poucos.

Este anno, porém, o caso vae ser differente.

O rapaz está sendo vigiado com attenção desde uma célebre tarde de um chá de caridade, quando foi pilhado em situação difficil de ser explicada, ao lado de uma amiguinha de *madame*.

A borrasca esteve imminente. Entretanto, elle soube contornar o caso com habilidade e até certo ponto conseguiu *tapear* a esposa.

Como ficou vigiado, e elle sabe disto, resolveu *bancar* o ingenuo até segunda ordem, o que, aliás, faz bem, porque mais vale aguentar o calor no Rio que perder o socego do lar, subindo a serra...

Um perfeito diplomata que está fóra da carreira...

FON-FON NO CINEMA

Romeu e Julietta.

IDYLLIO NA FRONTEIRA

(THE GAY CABALLERO)

DA FOX

DIRECÇÃO DE ALFREDO WERKER

COM GEORGE O' BRIEN, VICTOR MAC LAGLEN E CONCHITA MONTENEGRO

TED RADCLIFFE tinha chegado ao rancho de seu amigo Don Bob Harkness para descansar um pouco e assim gozar as suas ferias. Estava localizado este rancho em Arizona, onde as lutas entre os fazendeiros surgiam em cada dia. Assim Bob era inimigo figadal de Paco Morales, porque, sendo este máu e ladino, roubava constantemente o seu gado alem de saquear as pequenas habitações. Para castigar Bob toma o disfarce de bandoleiro sob o nome de El Coyote, para não deixar suspeitas sobre a sua personalidade. E' sob este aspecto que Ted encontra o seu amigo tomando como era natural o seu partido contra o bandido Morales. Quiz, porem, o destino que, no caminho, Ted encontrasse uma formosa joven que, concertando o seu automovel, precisou de seu auxilio e dahi tornarem-se conhecidos, sendo ella a sobrinha de Paco, Adela Morales, que desde o primeiro momento não poude esconder uma viva sympathia pelo guapo visitante.

Levando na sua barata Ted foi ainda apresentado a Jito, o feitor de Paco, typo de pessimos costumes e um ardente apaixonado pela fascinante Adela. Tantas proezas commettera El Coyote, que foi preciso requisitar a policia montada norte-americana para auxiliar a captura do famoso bandido, famoso ainda pelo al-

Filhinha... de pae alcaide.

Confidencias...

O falso bandoleiro era de força.

truismo de suas attitudes em tirar dos facinoras para beneficiar os humildes.

Vendo-se perdido e compromettendo alguns de seus amigos, Bob resolve entregar-se ás autoridades como culpado, causando espanto e estranheza a todos que o conheciam. Preso pela confissão expontanea, entretanto o commandante Blount desconfia de que elle não esteja falando a verdade e mantem-n'o preso, esperando que appareça o verdadeiro El Coyote. Amigo dedicado e sabendo a extensão do seu gesto, Ted, de combinação com um grupo de amigos, toma o disfarce de El Coyote e commette as mesmas aventuras, deixando desta maneira patenteado a innocencia de Bob, que estava preso. Fugindo mascarado pelas fronteiras do Mexico, o supposto El Coyote, o major Blount concede liberdade a Bob, e Ted parte para terminar a sua missão no Arizona: castigar o malvado Paco e ainda dar uma boa sóva em Jito, que á força procurava fugir com Adela. Agora, após tantos dias de luta, poude Ted encontrar o repouso que tanto procurara, ao lado de Adela, a sua querida, e inicia o idyllio que florescera entre os cactus da fronteira do Arizona temivel e romantico.

MESTRES EM RAIOS DE LUZ.

Os antigos mestres das diversas artes têm cada um sua technica especial e costumes differentes. Póde-se ter uma idéa das personalidades desses mestres quando se observa a applicação intensa que dedicam á creação das obras-primas de fama mundial, munidos apenas duma brocha ou dum formão.

Os modernos artistas que trabalham em celluloide e raios de luz nos estudios de Hollywood tambem possuem seus methodos caracteristicos de aproximação a uma scena falada.

Harry Beaumont, que tem dirigido Joan Crawford na maioria de seus filmes, é conhecido como um director que nunca levanta sua voz nem se irrita por qualquer coisa e jamais se mette no scenario interpretando o papel do actor para ensinar-lhe como fazer. Suas regras de dirigir são:

"Não interpretar as scenas para os artistas."

"Conservar-se calmo e deixál-os trabalhar á vontade."

"Si um director se irrita ou levanta a voz para explicar a scena", diz Beaumont, "o actor usualmente começa a praticar uma especie de repressão, provavelmente subconscientemente;

(*Cont. na pag.* 42)

Elle promettia fazer-lhe a filha feliz.

Quero ser Estrella!

(Make Me a Star)

DA PARAMOUNT

com Stuart Erwin — Joan Blondell — Zasu Pitts e Ben Turpin

Aquella vida não lhe agradava.

MERTON GILL trabalha como simples caixeiro na mercearia de comestiveis mais acreditada de Simsbury. Mas a humildade do seu trabalho não cortou as azas ás suas ambições, que são immensas. Tão grandes que não cabem por detraz do balcão que o tem preso todo o dia, nem caberiam em toda a sua aldeia natal, em todo o Estado do Illionois, que lhe foi berço! Para encurtar palavras, Merton sente-se chamado a figurar entre as celebridades do cinema e tem a certeza de que a setima arte — a unica no mundo, na sua opinião, lhe dará applausos, renome, gloria, immortalidade, fortuna!

As desillusões de Hollywood.

Pouco importa que os filhos da aldeia, que não vêem um palmo adeante do nariz, o façam alvo dos seus motejos. O rapaz sabe o que vale, e está certo de que chegará o dia em que poderá demonstral-o. Emquanto não chega esse dia, dedica todas as suas horas livres e algumas que, em bôa justiça, pertenceriam á obrigação, a preparar-se para o grande momento em que na téla de prata terá revelado um segundo Buck Benson, o heroe-cow-boy tantas vezes acclamado pelos *fans* do Universo.

Nem todos os habitantes de Simsbury levam, porem, de brinquedo o futuro zenith cinematographico em que poz suas esperanças o caixeiro da mercearia. Ha duas pessoas, duas almas afins da de Merton, que lhe antecipam a conquista desse cubiçado logar na admiração universal. Uma dessas almas, alma lilaz, é a de Tessie Kearne, de cuja sêde de amor se poderá fazer idéa desde que digamos que ella ama a Merton e vê nelle tudo quanto elle vê em si mesmo. Outra dessas almas, alma impressionavel, é a de Hardy Powel, o photographo local, artista inedito, cuja inspiração se afoga naquelle suffocante ambiente da aldeia somnolenta e triste.

Emquanto Merton continua a sonhar com a Gloria, o seu patrão, Mr. Gashwiler, cuja paciencia acaba por exgotar-se, assenta que o futuro idolo das multidões cinematographicas vá para Holly-

Aquelle sorriso dava-lhe coragem.

wood, vá para o inferno, vá para onde quizer, comtanto que se suma da mercearia onde presentemente muito mais estorva do que ajuda. Merton, bom heróe da setima arte, acceita o repto que o destino lhe lança, e toma o primeiro trem que passa em Simsbury, com destino á California.

Em Hollywood, após trabalhos sem conta, Merton vem a conhecer a actriz Flips Montague, que se compadece delle e logo começa pelo mais urgente, — matar-lhe a fome. Ao mesmo tempo o recommenda a um studio como figurante.

O modo como o astro cinematographico, ainda em estado de nebulosa, actua ante a camara, candidata-o a uma immediata expulsão do studio. Flips aconselha-o a voltar a Simsbury e offerece pagar-lhe a viagem. A miseria dicta ao rapaz o mesmo conselho. Mas porventura retrocedeu Cezar ante o Rubicão? Assim retrocederá Merton ante o seu fracasso? Veio a Hollywood, alli está, e dalli só sahirá triumphante!

E a apotheose chega de facto. Contractado para representar um papel dramatico num film de cowboys, fal-o de forma tão grotesca, que a sua fama de actor comico tem uma immediata consagração. Mas Merton, nessa noite, dorme satisfeito, pela primeira vez, em Hollywood, a arena do seu triumpho!

Salva-me!... Salva-me!

O seu modelo.

MESTRES EM RAIOS DE LUZ

(Continuação)

como contraste. Si o director explica a scena com tranquillidade e sem muito espalhafato, o actor trabalha mais á vontade e com mais naturalidade.

A desvantagem do director representar a scena afim de ensinar os actores é que estes tratam de imitar o director em vez de caracterizar o personagem conforme elles o imaginam. Alguns directores, comtudo, obtêm grandes exitos com este methodo. Mas, pessoalmente posso dizer que tenho obtido melhores resultados com o outro systema", conclue Beaumont, que fala sobre o ponto de vista tanto do actor como do director.

Monta Bell é um dos directores mais calados nos estudios da Metro-Goldwyn-Mayer. Raramente fala nos scenarios, a não ser que seu conselho seja necessario para o melhor exito da producção.

Ao contrario de Bell

(Conclue na pag. 52)

Nas horas vagas do trabalho da mercearia.

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Os antigos oraculos e adivinhos de sonhos têm hoje o seu prestigio rehabilitado pelos modernos investigadores, que se firmam na sciencia para justificar suas pretensões.

O dr. Paterson, professor da Universidade da Columbia, publicou curiosos detalhes sobre esta nova profissão. Os methodos dos modernos interpretes de sonhos são muito differentes dos que seguiam os antigos. Estes ultimos eram symbolistas e prophetas e adivinhavam por methodos diversos. Consistia um delles na explicação por symbolos, de que é exemplo a interpretação dos sonhos de Pharaó por José.

O outro methodo, muito mais popular, era uma especie de methodo cifrado: cada sonho era como um paragrapho da escriptura secreta ou um hiroglypho em que cada signo tinha certa significação arbitraria, indicada no *Livro dos Sonhos*. Se, por exemplo, se sonhava uma noite com uma carta e um enterro se recorria ao livro e este mostrava que sonhar com uma carta significava perigo e com um enterro, casamento.

Os modernos adivinhadores de sonhos não pretendem ser perfeitos e limitam-se a affirmar que não ha sonho, por mais simples que seja que não tenha um significado. Empregam um methodo completamente original e muito mais scientifico, que poderiamos chamar methodo analytico-synthetico. Segundo elles, os sonhos procedem de uma especie de segunda personalidade de um "eu" subconsciente e a analyse dos elementos de um sonho é a revelação de desejos, tendencias, paixões e sentimentos occultos de ordinario no mais profundo da individualidade do sonhador. Todos estes sentimentos, tecidos pela phantasia do que sonha em uma especie de unidade dramatica, fluctuam nesse invisivel mar de personalidade. O adivinho estuda separadamente, e um a um, os fragmentos, e, facilmente, deduz seus antigos motivos, relações e associações. Cada fragmento ou particula do sonho é uma condensação de algum sentimento ou algum acontecimento já afastado da imaginação. O adivinho reconstitue o facto ou o sentimento synthetizando os vestigios que descobre no sonho, exactamente como o geologo reconstitue um animal ante-diluviano por um osso ou uma escama.

Affirmam os adivinhadores de sonhos que a maioria destes representam um antigo desejo e, com effeito, qualquer pessoa poderá observar isto nas creanças, cujos sonhos são menos complicados.

Novidades Literarias da Europa

OS SUCCESSOS DE PARIS. — A "SAISON D'HIVER" DO LIVRO FRANCEZ

por BRICIO DE ABREU (Correspondente especial do FON-FON em Paris).

A presente estação apresenta-se áurea e plena de successo para os editores francezes. Não ha exemplo, na historia da literatura franceza, de uma saison que, logo de inicio, comportasse um successo certo para tantas obras ao mesmo tempo. Dir-se-ia que uma febre de leitura ataca, neste momento, os habitantes de toda a França. Não discutamos os meritos das obras, mas só assim se podem explicar as enormes tiragens, de 100 e 200 mil exemplares, que certos livros alcançam neste momento em Paris. E' claro que uma grande parte da venda é feita para o estrangeiro, mas isso só vem depois do successo alcançado em Paris. Ha dias, um famoso editor da rua Huyghens expunha-me o seu enorme espanto deante de uma encommenda que recebêra da China, de alguns milhares de francos. Ha annos que isso não se dava, o que demonstra, claramente, que a decantada e famosa crise do mundo se acha em plena agonia, pelo menos para os editores francezes, cujo commercio com o estrangeiro volta aos bons tempos. Somente para com o Brasil, segundo pude verificar, é que o commercio do livro francez baixa dia a dia. Por que? Seria difficil dar a razão. O pobre livreiro nacional, neste momento, para pôr á venda um livro estrangeiro terá que passar por mil e uma difficuldades irrisorias. No Brasil, a literatura franceza occupa um lugar de quasi 100 %. A sua influencia foi e será sempre a base da nossa literatura, e estamos certos de que os livreiros nacionaes encontrarão bem um meio de fornecer ao nosso publico os seus livros preferidos. Justamente por isso não podiamos deixar de assignalar as obras que, na actual estação de inverno, vêem obtendo um successo mais que ruidoso. Falemos somente dos livros cujas edições já passam de cincoenta mil exemplares.

* *

Albin Michel é o editor que vem causando maior successo e surpresas ao publico parisiense. *Mes entretiens avec Mussolini* e *Versailles*, de Emil Ludwig, por elle lançados, são duas obras que figuram na vanguarda dos êxitos. Na primeira, o celebre escriptor allemão, hoje suisso naturalizado, nos offerece uma série enorme de entrevistas com o famoso dictador italiano, e nellas podemos apreciar todo o valor e pujança do reporter. Livro desconcertante, que nos dá a impressão exacta de Mussolini. "Não me fale de Napoleão, declara elle. Napoleão não conhecia economia politica, não tinha noções de finanças e não conhecia a psychologia dos póvos e das raças como eu. Terminou elle uma éra; eu iniciei outra!" E neste tom soberbo, pleno de confiança em si mesmo, cheio de aspirações futuras o *Duce* nos é revelado a nú pelo reporter. — *Versailles* é uma peça de theatro em 5 actos, que fará um ruido enorme, muito breve, nos theatros de Paris, como vem de fazer em Londres. Aliás, já se acha annunciada nos cartazes da cidade. Ninguem, até hoje, havia pensado em fazer de um Congresso de Paz uma obra dramatica, cuja acção se desenrolasse em 5 mezes. Isso é, durante o periodo de sua existencia. Os seus heróes são Clemenceau, Lloyd George, Orlando, Wilson e Foch, e a sua acção dramatica advém da luta dos 3 primeiros contra o quarto. Deante dessa obra, de uma das testemunhas da Conferencia, não se sabe perfeitamente se valeu a pena ou não uma *paz* tão mesquinha!...

Bernard Grasset, editor tambem conhecido

nos apresenta: — *Bossuet Moraliste*, de Emile Baumann. O successo dessa obra de textos escolhidos e commentados do famoso moralista, parece-nos, só póde ser explicado pela feliz escolha do autor e os seus admiraveis commentarios ás paginas de Bossuet. Apresentou elle sob um aspecto, não direi novo, mas, talvez, o unico em que poderia ser classificado o grande moralista, cuja grandeza foi a de estar sempre ligado a uma funcção apostolica, que dominava todas as suas forças, todas as suas faculdades e ambições, fazendo com que exercesse elle, sempre, o seu genio em proveito de sua fé. E, justamente, Emile Baumann nol-o apresenta sob esse aspecto em um livro cheio de commentarios curiosos, que nos revelam a immensa cultura de seu autor. Dois autores nos são, ainda, apresentados por Grasset: René Jouglet, com *Friede* ou *Le Voyage Allemand*, e André Richaud, com *La Fontaine des Lunatiques*. O primeiro é o livro de um francez sobre a Allemanha. Talvez de concepções ingenuas, mas cheio de verdades. Após uma viagem em todo o territorio allemão, um francez volta á sua patria cheio de temor e piedade pela miseria desencadeada contra o inimigo de hontem. E conta-n-s as suas observações, aliás bôas, e a sua desillusão por não haver encontrado a *Niebelung* da lenda, a Allemanha cheia de encantos phantasticos, a de Goethe e Shessen, mas um povo super-materializado pela fome. O segundo — *La Fontaine des Lunatiques*, é um livro que tem, talvez, a pretenção de ser o poema da adolescencia. Naturalmente, o sonho tem nelle o seu papel preponderante, um sonho inquieto, nervoso, onde o phantastico, naturalmente, apparece. Emfim, o successo do livro advém talvez, de ser elle um romance phantastico, escripto com originalidade e pujança de estylo.

Plon, o famoso editor de todas as grandes *Memorias* da grande guerra, nos dá *Memoires*, do general Joffre, em 2 soberbos volumes. Esse genero de literatura de após guerra já cansou o publico mundial. Após Clemenceau, Foch, Galliene, etc., que se *comeram* posthumamente, em ferozes ataques uns contra os outros, nada mais, parecia nos, poderia despertar a attenção do publico. Comtudo, as revelações de Joffre eram esperadas com ansiedade, porque deveriam desencadear uma verdadeira tempestade na imprensa franceza, como os demais. Cruél desillusão para os apaixonados! O livro attingia a mais de mil exemplares de venda, mas desilludiu o mundo politico e literario francez. Nem um ataque, a menor allusão aos seus inimigos é feita no testamento "memorial" do velho e glorioso Joffre, que manteve, até mesmo depois de morto, aquella indifferença pelos ataques que lhe eram feitos. Conta-nos elle a guerra, menciona os seus feitos e homens, mas não os commenta. E, deante desse grande silencio tumular, fico eu a pensar: — "Quem nos poderá, agora, contestar as declarações feitas por Gallieni, nas suas memorias, onde próva elle que Joffre nada fez na Marne, que não queria a batalha, que não foi o seu autor?"

Rafael Sabatini — O CAVALLEIRO DA TAVERNA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

OS apreciadores da excellente "Collecção Para Todos" têm mais um volume de Rafael Sabatini, para o gozo das suas horas de leitura. São 300 paginas movimentadas, que despertam vivo interesse.

J. Herculano Pires — CORAÇÃO — S. Paulo — 1932

ESTE livrinho traz um prefacio de um amigo e discipulo do autor. Entre outras coisas interessantes, escreve o prefaciador: "Desde meus quinze annos fui um diletante da poesia. Mas, escute bem: um diletante apenas e não um genio como você, que aos nóve annos já, precócemente, fazia composições perfeitas e classicas, que deixariam boquiabérto qualquer vanguardista da literatura hodierna".

Porém, o genio, num *post escriptum*, desmente o amigo justificando a publicação da obra: "Este livrinho é, pois, apenas isto — um punhado de emoções. Sem escóla, sem regra, sem coiza alguma de profundo e solene. Reuni aqui apenas uma porção de cantigas do meu coração ainda verde, óra triste, óra alegre, como todos os corações. E nada mais."

Preferimos ficar com a opinião do autor, que é um *genio rebelado*, até mesmo com a propria orthographia... Quando o poeta tiver o seu coração amadurecido, vae sentir que verso não é conversa... Os leitores poderão julgar do valor do livro, pelo trabalho intitulado *O poeta*:

Ao tremeluzir das noites estreladas,
alto, esguio, de lança em riste,
vaga pelo alvor de todas as estradas
um cavaleiro-andante silenciozo e triste.

Oscilando ao tróte
do Rocinante altivo o pórte altivo vai,
pelos caminhos ermos e tristonhos,
buscando amores e um milhar de sonhos.

Mas, no alegre rubor das manhãs coloridas,
como todo D. Quixote aristocrata e altivo,
vólta da aventura cheio de feridas,
desconsolado e só, magoado e pensativo...

Falta qualquer coisa, não acham?!

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio. — Variadissimas collecções.

Menotti del Picchia — A REVOLUÇÃO PAULISTA — C. Edit. Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

NÃO se trata de uma historia fartamente documentada, nem de uma narrativa meramente impressionista da revolução de São Paulo. A intenção do autor, segundo confessa, foi fixar num depoimento o desenrolar dos factos. O volume contém 23 capitulos escriptos com vivacidade, e algumas notas annexas. Menotti del Picchia é um dos nossos melhores valores literarios, um nome consagrado. Por isso, tudo quanto escreve desperta interesse.

Neste livro, o autor fixou algumas ponderações dignas de attenção. A advertencia final, pelo menos, merece especial registo: "O Brasil está doente. De nada vale agora aos vencedores se debruçarem sobre o vencido para tentar arrancar-lhe a confissão de quem é responsavel por um facto de que o unico responsavel é todo o Brasil. O mais importante é se evitarem perturbações futuras. E isso só se conseguirá com um estudo desapaixonado das causas nacionaes do conflicto e não com a procura dos acasos locaes que determinaram sua fatal explosão. Em primeiro logar amainem-se as paixões. Evitem-se humilhações e represalias. Preparem-se os espiritos para a obra santa da comprehensão. E estude-se o phenomeno, não como uma rebellião, mas como um mal que, para bem de todos, é preciso se curar." Está nas mãos da mocidade salvar o doente. E a nossa preoccupação deve ser constructiva, norteados pelas novas formulas sociaes que empolgam o mundo.

Sax Rohemer — LINGUA DE FOGO — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

ESTE é o terceiro volume de Sax Rohemer, traduzido para a *collecção amarella*. E' a historia de um crime mysterioso, que empolga a attenção dos leitores deste genero literario.

Aquilino Ribeiro — A BATALHA SEM FIM — Liv. Bertrand — Lisbôa — 1932 — 8$

AQUILINO RIBEIRO é uma das figuras mais expressivas das letras do Portugal hodierno, um artista que, pela maneira de compôr, por vezes, faz lembrar Camillo. Sabendo manejar a lingua com elegancia, conquistou o publico, e não mais carece de reclame para vender os seus livros.

A sua obra, harmoniosa, recommenda-se pela belleza das tintas. O vigoroso romancista de *Terras do Demo* e de *A via sinuosa* é um espirito vigoroso, fascinante, magnifico.

A batalha sem fim nada fica a dever aos seus romances anteriores, consagrados pela critica do paiz do autor.

S. S. Van Dine — O CASO BENSON — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

A *Collecção amarella* tem mais um volume do festejado escriptor norte-americano, que é dos melhores autores das obras de genero policial. São 320 paginas, através das quaes Van Dine mantém viva a curiosidade do leitor.

NOTAS DE ARTE

HELOYSA MASTRANGIOLI. — A noite de lunedia, 2.ª-f., 5 de dezembro, no Theatro Municipal, assignalou-se por acontecimento artistico verdadeiramente notavel: o concerto de canto da prof.ª Heloysa Bloem Mastrangioli. Não é que se tenha assistido a um espectaculo ruidoso, frequentado pelo grande publico, de gosto mais ou menos duvidoso, mas a um sarão de eleitos, onde á fina arte da cantora corresponderam os valiosos applausos de artistas e amadores de escól. Não brindaram a artista só as costumadas palmas e flores, mas ainda muitos bravos espontaneamente irrompidos da sensibilidade commovida e arrebatada de mais de um ouvinte.

Com a sua bella voz de meio-soprano, quasi contralto, aformoseada por invulgar cultura, a sra. Heloysa Mastrangioli revelou mais uma vez os seus predicados de cantora, que sabe viver o que canta, interpretando com lavores de belleza vocal e plastica, tauxiando a voz de gestos expressivos, este bello e difficil programma: I) GLUCK — *Ombra cara, ove seit*, da op. "Orfeo"; SCHUBERT — *Der Tod und das Madchen*; BRAHMS — *De fraiches mélodies* e *Mon amour est pareil aux buissons*; SAINT-SAENS — *L. Cygne*. II) G. FAURÉ — *Sérénade toscana*; R. STRAUSSE — *Le jour des morts*; MAURICE PEREZ — *Le baiser dans la nuit*; PIERRE VELLONES — *Le Gui* (chant d'amour de la vieille Chine); III) O RESPIGHI — *Notte*; PICK-MANGIAGALLI — *Le nuage*; A. ROUSSELL — *A un Jeune Gentilhomme*; J. OCTAVIANO — *Os Rios*; ALOISIO DE CASTRO — *Exilio* (dedicado á cantora); CELESTE JAGUARIBE — *Aquelle Amor*.

Instada por frequentes applausos, além de bisar dois, ainda cantou, em *extra*, mais tres numeros: *Les Mainzettes* de Dalet, e *El tra la la y el punteado*, de Granados, e a *habanera* da "Carmen".

Embora em todas as peças patenteasse os seus dotes de fina artista, revelasse impeccavel dicção, désse muito relevo á idéa expressa pelo canto, houve algumas em que mais se accentuaram essas qualidades, porque nellas a sensibilidade da artista adquiriu alto grão de communicabilidade, extasiando, arrebatando o auditorio. Com esse criterio, destacamos, acima de tudo, *Notte*, de Respighi, onde todos os corações vibraram unisonos com o coração da artista. Depois *Le Cygne* e *Le baiser dans la nuit*, onde a tragedia da morte e o poema de amor viveram momentos de grande esplendor na voz e na arte da cantora. Ambos ruidosamente bisados. Destaquemos mais os dois fragmentos das operas *Orfeo* e *Carmen*. Cada qual, no seu genero, modelo de composição lyrico-dramatica, e, sob esse aspecto, ambos trechos classicos, muito embora só o primeiro poema de grande arte, foram pretexto de arte edificante, foram pretexto para a artista mostrar que podia ser notavel cantora de musica dramatica como já o é de musica de camera.

D. Julieta Gomes de Menezes acompanhou ao piano com o costumado brilho todos os numeros, salvo *Le Cygne* e *Aquelle amor*, onde com o piano figurou tambem o violoncello invulgar de Newton de Padua. Em *Le Cygne* o grande violoncellista patricio cantou tambem. Houve um duetto entre a cantora e o violoncellista.

Assignalemos afinal o bello exito das composições brasileiras: *Exilio*, de Aloysio de Castro, que foi bisado, *Aquelle amor* de D. Celeste Jaguaribe de Mattos.

ACADEMIA BRASILEIRA DE MUSICA. — Em beneficio da Casa do Musico, realizou a Ac. B. M. no I. N. M., em a noite de venerdia, 9 de dezembro, sob a regencia do prof. Chiaffitalli e com o concurso da cantora, sra. Roseta Costa Pinto, do flautista Moacyr Lisserra e do violinista Carlos de Almeida, o seu 38.º concerto, com o seguinte programma: I) MENDELSSOHN — *Symphonia Italiana*; WAGNER — *Sonho de Elza*, da op. "Lohengrin"; II) CHAMINADE — *Concertino*, para flauta, e orchestra; F. CHIAFFITELLI — *Aria al antica*; F. MIGNONE — *Minuetto*; A. NEPOMUCENO — *Serenata* (todos os 3 numeros para instrumentos de arco); WIENIAWSKI — *Concerto op. 22*, para violino e orchestra; A. NEPOMUCENO — *Batuque* (Suite Brasileira).

Tanto os solistas como a orchestra, tanto a orchestra como o regente deram plena e satisfatoria execução ao programma, recebendo frequentes e intensas ovações.

Assignalamos mais especialmente o *Andante moderato* da SYMPHONIA ITALIANA, a *Serenata*, de Nepomuceno e o *Romance* do CONCERTO de Wienawski. A regencia de Chiaffitelli, a orchestra do I. e o violino de Carlos de Almeida, pela belleza expressiva que deram á execução desses trechos, já por si mesmos formosos, produziram excepcional agrado no auditorio.

Mas tudo isso não seria bastante para dar ao concerto todo o brilho que teve, se não fôra a voz da sra. Roseta Costa Pinto, encantando os

ouvintes com o *Sonho de Elza*, uma das mais lindas melodias entre as que tauxiam a op. *Lohengrin* e a que a distincta cantora soube dar todo o relevo da "eterea e doce musica do Graal".

Festa de arte e de beneficencia, o 38.° Concerto da Ac. B. M. foi mais um triumpho dessa victoriosa associação.

ACADEMIA DE ARTE NO BRASIL — Parece que pela primeira vez no Brasil se realizou um concerto vocal em que se ouviram varias cantoras brasileiras de relevo artistico e social, interpretando autores brasileiros mais ou menos consagrados pelo publico e pela critica. Foi o que teve lugar no I. N. M. em a noite de sabbado, 10 de dezembro, promovido pela Academia de Arte no Brasil, fundada pelo prof. João Rocha.

Foram momentos de delicioso prazer espiritual ouvir-se a voz da senhorita Cecilia Rudge através do canto bello e triste de *Saudades*, de Luiz Heitor; a sra. Fleury de Barros viver na musica da voz e na mimica da face, os tão bellos poemetos de Lorenzo Fernandez, *Meu coração*, *Berceuse da Onda* e sobretudo *Toada p'ra você*, que encontra na cantora uma das melhores, senão a melhor interprete depois de Vera Janacopulos; a sra.

O joven artista brasileiro Moacyr Liserra, que, com o concurso do laureado pianista prof. Enio de Freitas e Castro e da festejada harpista senhorita Jacy Lobato, realizou quinta-feira ultima, no Instituto Nacional de Musica, um brilhante concerto, patrocinado pela doutora Natercia da Silveira e pela escriptora Olga Monteiro de Barros.

Ruth Valladares Corrêa, recamando-as com bellos planismos, tauxiando-as de belleza expressiva as composições de Villa Lobos *Cantiga do Viuvo*, *Viola* e *Tonadilha*; a sra. Marietta Bezerra, accentuando com a sua bem educada voz as bellezas da *Cantiga*, *Adeus* e *Oração do pobre*, de Barroso Netto; a sra. Luiza Paranhos, com a sua voz quente e bem timbrada, extasiando na *Berceuse* e arrebatando no *Aquelle Amor*, duas lindas composições — letra e musica — de D. Celeste Jaguaribe; a sra. Lucina Soeiro, mostrando os recursos da sua poderosa voz, nas composições de Fr. Braga, *Virgens Mortas*, *Catita* e principalmente num trecho da opera *Contractador de Diamantes*.

Entre as cantoras ouvidas, cada uma a outra excede por este ou aquelle predicado vocal, por esta ou aquella qualidade artistica. De sorte que todas são primeiras ou ultimas conforme o criterio escolhido. Entretanto, para nós houve duas, que merecem especial destaque: uma, notavel pela belleza da voz, outra pela vida que imprime ao canto. E foram... Adivinhem os que assistiram ao bello, ao original concerto da Academia de Arte no Brasil...

Oscar d'Alva

YÁRA

Esses teus olhos são azues...
São bem azues esses teus olhos...
São como lagos pensativos
Em dubias tardes outomnaes.

Esses teus olhos são dois lagos...

Assim tão mystico e lindos,
Elles são pélagos fataes:
Guardam mães-dagua de olhos lindos,
Yáras sobrenaturaes.

Esses teus olhos têm feitiço:
Andam sacys nelles a olhar.

Eu tenho medo!... Eu tenho medo
Quando me vejo em teu olhar:
Sinto a magia de um bruxedo
No leito dagua a mandingar.

Eu tenho medo!... Eu tenho medo!...

Quando me enxergo na onda azúlea
Dos olhos teus — lagos fataes —
Eu logo vejo dentro uma Yára
Que me procura nos aguaçaes
E, traiçoeira, nas aguas claras
Rouba-me o rosto a dissimular,
Rouba-me o gesto, rouba-me o olhar,
E assim procura nesses teus olhos
A minha vida precipitar.

Filha de Eva sabe-me a Yára
(Por isto sabe que sou faceira)
Então retrata a figura minha
No seio dagua diluculár
Para que a olhar-me no espelho azúleo
Eu fique dentro do teu olhar...

Eu tenho medo da Yára dagua!...

WALKYRIA NEVES GOULART

— Seguiste meu conselho de dormir com a janella aberta para curar-te do resfriado?
— Sim.
— E desappareceu-te o resfriado?
— Não. Mas desappareceu-me a roupa!

A ORELHA DO MAJOR ANDRÉ

QUANDO chegou a noticia, de que João Antão havia organizado um bando, correu por toda a villa de S. Raymundo, um arrepio de mêdo. De facto, o só motivo do negro ter nascido e se creado ali fazia com que a imaginação de todos julgasse ser aquelle logar o unico preferido para as correrias do bandido.

O destacamento — duas praças e um cabo — limpou furiosamente os velhos fusis Mauser. Cada qual tratava de fechar melhor com trancas de madeira as portas das casas, á noite, e, nos dias de feira, accrescentava na cintura, junto á lambedeira de lamina fina e comprida, a garrucha azeitada.

O major André, dono da fazenda "Encantamento", foi quem mais se assustou. A sua creação de gado orçava por milhares de cabeças e havia, em toda aquella zona, na bôcca de todos a certeza de que elle guardava em moeda uma verdadeira fortuna em casa. Além de tudo, o João Antão tinha sido seu empregado. Nessa tarde, na casa do vigario, depois do sermão costumeiro, elle contava:

— Pois é como lhe digo, padre mestre. O moleque nasceu e viveu lá na fazenda. Safado como elle só. Uma vez, quando o juiz de direito vinha conversar commigo a respeito de eleições, eu peguei o bruto de ouvido á porta, escutando a conversa. Mandei dar-lhe uma surra. Elle contou que era o coronel Juvencio, da opposição, que pagava para elle ouvir e levar o que se discutia. Então, cortei-lhe a orelha, para elle não ser descarado. Depois de crescido, era o que se sabe. Assassino, ladrão.... Até que um dia desappareceu. Agora é chefe do bando.

— E o senhor tomou providencias major?

— Tomei. Como não? O pessoal é de confiança. Está tudo armado, si elle fôr á fazenda, morre de bala que nem cachorro damnado.

* * *

No sabbado, ia a feira em plena animação. Pela estrada larga, ouvia-se um tropel de cavallos e, envoltos em poeira, quinze homens entravam na praça. Cartucheiras a tiracolo entulhadas de balas, rifles e punhaes á mostra, facões de affasto pendurados da cinta, os quinze homens desmontaram á frente da matriz. Correu um zum-zum, houve correrias, até que a voz de João Antão se fez ouvir em meio da confusão:

— Ninguem sae daqui. Os meninos precisam de mantimentos.

Toda a valentia, toda a coragem armazenada fugiu num instante. Não houve resistencia. Cada qual pedia a Deus que fosse só alguns kilos de carne e algumas dezenas de mil reis as unicas coisas levadas. Os outros, sobraçando os alforges tirados dos lombos dos animaes, iam, de barraca em barraca, pedindo isso, exigindo aquillo. Em uma dellas, a mulher do Zé Ventura teve em torno do seu corpo, num amplexo bestial, os braços herculeos de um dos bandidos. Rapida, sem pensar no que fazia, deu-lhe uma bofetada.

Elle riu. E, rindo encostou-lhe a garrucha no peito e puxou o gatilho. Depois, virando-se para o marido, que olhava tudo aquillo abobado, pediu:

— Bota cachaça pra mim, Seu Zé.

Cheios, saciados, os homens voltaram para junto dos chefes e dos animaes.

— Trouxeram tudo?

— Tudo, capitão.

— Agora, fiquem ahi. Eu vou resolver uma questão sozinho.

João Antão montou a cavallo e se foi para a fazenda "Encantamento". Chegando lá, transpoz a cancela de um pulo e desmontou no terreiro. Ninguem. Subiu as escadas de pedra e na sala, rifle engatilhado, gritou:

— Majó André.

O velho appaheceu. Ao ver o bandido, quiz correr para a janella e gritar. João Antão, presentindo o gesto, avisou:

— Si gritá, morre! Seu majó, eu tava asperando esse dia. Chegou. Por emquanto, não quero seu dinheiro nem seu gado. Quero sua oreia pra botá no logar da minha que o senhor cortou. Dá cá, seu majó....

O velho falou. Rogou. Prometteu dar-lhe contos de reis si desistisse do intento.

João Antão teimava:

— Os meninos tão esperando e eu tou demorando. E' a oreinha só. Tiro com geito, não maltrato não, seu majó. Vancê vae vê.

Puxou a faca... Amolou-a na sola da alpercata. Foi só um golpe. Do ouvido do major André começou a cahir sangue.

— Tá pronto, seu majó. Quaje que não doeu. Quando eu voltar, então sim, eu levo dinheiro. Té logo.

E, na estrada, o cavallo de João Antão corria para juntar-se aos companheiros...

OTTO BITTENCOURT SOBRINHO

UM ASSASSINATO

CHOVIA... Chovia sem cessar... Uma chuva fina e cariciosa... Uma dessas chuvas tão finas, tão cariciosas, tão insignificantes, que a gente não lhes dá importancia e que, no emtanto, penetram o tecido das roupas e vão até os ossos... A principio, se experimenta uma sensação de bem estar: parece que se respira melhor que no sombrio apartamento, no escriptorio ou na officina onde se passa o dia como empregado.

Sente-se a força da vida. Uma hora depois se está gelado e a sola dos sapatos, amollecida sob os pés humidos, faz pensar na estufa familiar e na amabilidade do patrão. Póde-se affirmar que si oitenta por cento dos empregados de escriptorios e vendedores de lojas acceita salarios irrisorios para trabalhar em jaulas infames, é para conservar seus pés séccos. Nunca se comprehenderá bastante a influencia que os pés exercem no actual estado social.

Assim reflectia eu emquanto o cortejo se encaminhava lentamente para o Pantin. Atraz do coche funebre iamos algumas pessôas attentas a evitar o barro e os charcos de agua: levavamos á ultima morada um bom camarada, que não tinha outros amigos fóra dos circulos de cinema e theatro.

O pae Ménard, velho machinista theatral, depois de ter passado por todas as scenas de Paris e das provincias, viéra terminar sua carreira no cinema. No acompanhamento via-se bom numero de habitués dos cafés "Namur", "Eldo" e "Luiz XIV", sem contar os empregados, taes como machinistas, costureiros, electricistas, etc...

Eu havia sido designado especialmente pelo *metteur en scène* e pelo director do studio para representar a companhia. Victor o electricista, acompanhava-me juntamente com Adolpho, o machinista, que vestira o seu melhor terno para a cerimonia, declarando que o menos que podia fazer como ultima homenagem a um velho companheiro era ir assim ao seu enterro.

A marcha longa e penosa, da igreja ao cemiterio, sob a chuva persistente, parecia abater todo mundo e dava a cada um um ar de verdadeiro enterro. Seguiamos o cortejo machinalmente, taciturnos, sem dizer palavra, em um silencio que se podia tomar como religioso.

De repente, se ouviu uma voz:

— Que tempo barbaro! Quando deixará de chover? Não é para falar mal, mas o governo bem podia fazer alguma coisa. Por exemplo, prohibir os enterros com tempo chuvoso.

Era a voz de Adolpho, que se se dirigia a seu collega Victor. Este concordou com um gesto de cabeça, e respondeu:

— Ah, certamente! Os homens do governo podiam fazer alguma coisa... Mas, qual nada! Quando ha enterros, ha aluguel de coches, e isso lhes convém. Comprehendes?... E não serão elles que vão mudar as coisas...

— Não me importa que as coisas mudem! — disse Adolpho. — Si não se tratasse de Ménard, que era um bom companheiro, qualquer dia me agarravam! Tenho os sapatos cheios de agua, mas irei até o fim, porque não abandono meus amigos. Espero que á sahida do cemiterio iremos beber alguma coisa com a familia de Ménard... São pessôas que sabem viver... e, depois, é o costume... Por outro lado, si o pobre Ménard não houvesse morrido e nos visse neste estado, pódes ficar certo de que nos convidaria para tomar um copo... E o que mais eu apreciava em Ménard era que nunca se fazia de rogado para convidar os amigos... Infelizmente, é sempre a mesma coisa: os bons se vão e ficam os que não prestam...

Adolpho pronunciára esta ultima phrase com ar de quem me tomasse por testemunha.

Eu respondi-lhe:

— Com effeito, era um typo magnifico esse pobre Ménard, e é pena que não tenha sabido resistir a sua paixão: si bebesse menos, o medico o salvaria...

Ainda não havia terminado a

MESTRES EM RAIOS DE LUZ

(Conclusão)

Robert Z. Leonard tem uma voz penetrante, e constantemente fala com todos os actores de um ponto central perto da machina cinematographica.

Edmund Goulding mantem-se em movimento continuo dum lado do scenario para outro. Jamais perde qualquer coisa que se faz e está sempre em contacto com todos os personagens que tomam parte na producção.

Clarence Brow, director das innumeras producções da fascinante Garbo, presta a maior attenção aos "angulos da camera", e está sempre olhando através da lente para certificar-se de que a scena está tal como deseja.

W. S. Van Dyke que dirigiu "Trader Horn" e "Tarzan the ape man", é excessivamente estricto no scenario e, quando necessario, censura um astro ou uma estrella com a mesma energia com que censura um extra qualquer. Faz ensaiar as scenas muitas vezes antes de filmál-os, e não perde tempo filmando varias vezes sem resultado.

phrase, quando já Adolpho, furioso, exclamava:

— Ah, tu tambem sáes com essas! Não me surprehende, não porque quando se trata de beber um copo, vens sempre com tua moral... Pois bem, companheiro: vaes caminhando mal... Escuta o que vou dizer-te: si o velho Ménard morreu, foi porque o assassinaram... Como te digo! Affirmo-te que Ménard foi assassinado por um medicastro ignorante que prohibiu á senhora Ménard dêsse de beber a seu marido... Sem esse condemnado médico, responsavel por sua morte, ainda estaria vivo... Sei disso e posso falar. Tres dias antes de expirar, Ménard dizia-me, quando fui visitá-lo: "Ah, velho Adolpho! Si eu pudesse beber á vontade, sinto que ficaria bom depressa! Mas o medico não quer saber de me dar de beber!" Eu lhe teria levado uma garrafa de contrabando; mas com a mulher vigiando-o, que fazer? Ella seguia ao pé da letra as ordens do tal doutor. Preferia dar-lhe o remedio que o fez morrer mais rapidamente...

— Mas, afinal — repliquei, — o medico não podia enganar-se. Ménard era um alcoólatra: tinha cirrose do figado, tinha hydropsia, tinha, além disso...

Adolpho não me deixou terminar.

— Tinha, tinha! Que tinha mais? Ah, não! Não me enfureças, que o momento não é opportuno. Si Ménard pudesse ouvir-te, de seu caixão, como acharia graça!... Sim: elle mesmo te collocaria no caixão. Acaso viste alcoólatras como Ménard? E's ainda muito joven para não te deixar convencer pelos charlatães que dizem que o alcool é o inimigo... Eu te digo que um homem não póde viver sem alcool, a menos que seja um invalido. Vou dar-te uma prova: o pae Ménard, por exemplo. Sabes que para embriagar-se elle precisaria beber seus oito litros de tinto e um litro de branco pela manhã, sem contar os aperitivos e os copos avulsos... Por isso te digo: si esse homem houvesse tido sempre bebido sufficiente, ainda estaria comnosco; e foi esse estupido doutor quem o assassinou... Prová-lo-ei quando quizeres.

— Sim, mas você comprehende, Adolpho, que é preciso ser razoavel e admittir que Ménard devia abster-se de beber; sabes que elle tinha o ventre como um tonel e que o medico lhe fazia punções...

— Ah, sim! Recursos de curandeiros essas *funcções*, essas *nucções*...

— Não, não... E' um termo medico: punções que o medico lhe fazia para tirar-lhe a agua que tinha no ventre...

Por um momento, Adolpho olhou-me espantado, e depois, de repente, sorrindo triumphalmente, replicou:

— Bem vês! Mas não te convences! Embora eu morra dizendo-to! Então, tu mesmo confessas que Ménard tinha a pança cheia de agua e pretendes que estava minado pelo alcool... Isto prova que não sabes o que dizes, tu e os médicos, e que o pobre velho, em vez de beber muito, não havia tomado bastante alcool, uma vez que lhe sobrava agua... Si fosse um alcoólatra, como dizes, quando lhe faziam as fricções... as uncções, emfim, *isso* que tu disseste, em vez de agua, lhe sahiria o tinto ou o alcool... Por outro lado, isso mesmo sempre surprehendeu a Ménard. O outro dia, elle me disse: "O que me admira é que me tirem agua do ventre, e eu que nunca a bebi..." Dois dias depois, delirava. Foi quando vi que nada disso estava claro, e agora novamente te digo: Ménard, estou certo, foi envenenado com medicamentos, e, afinal, foram os médicos que o assassinaram.

Nesse momento, o cortejo penetrava no cemiterio. Julguei opportuno não insistir para encerrar a discussão. Adolpho, satisfeito, ao se afastar, ajuntou:

— Escuta, velho! A' sahida, nos encontraremos para esvaziar uma garrafa ou... diversas, em homenagem á memoria do pae de Ménard!...

ANTONIN BIDEAU ET MENESSIER

Charles Reisner, director das impagaveis comedias de Marie Dressler e Polly Moran, prefere ensaiar pessoalmente todos os chistes para ver se resultam a seu contento. Assim tira o maior proveito possivel das scenas comicas.

Quanto a George Hill, director de "Hell Divers", parece que não sabe o que se passa no scenario até que alguma coisa errada aconteça e então se põe alerta immediatamente. Domina por completo o scenario onde trabalha, e estrellas e astros como Marie Dressler e Wallace Beery acham que sua maneira de dirigir estimula intensamente os artistas.

Sam Wood, a quem se devem innumeros filmes de ambiente esportivo, é um dos directores mais activos da Metro-Goldwyn Mayer. Jamais perde uma opportunidade para improvisar uma luta corpo a corpo durante os intervallos, e sua alegria mantem de bom humor a todos os artistas que trabalham sob sua direcção.

Edward Sedgwick, que tem dirigido muitas comedias de Buster Keaton, é o espectador mais benigno que tem os artistas que trabalham sob sua direcção em alguma scena difficil. E' tambem o primeiro a elogiar qualquer interpretação notavel que se realiza.

A BICYCLISTA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

"O taberneiro informou-me egualmente que, por volta dos domingos, ha de ordinario visitas no palacio — "um pagode de estalo" são as palavras do homem — e entre elles especializou um sujeito de bigode ruivo, um tal sr. Woodley, que esse nunca falta.

"Tinhamos chegado a esse ponto, vae senão quando, quem havia de entrar na tasca? O mesmissimo cavalheiro em pessoa, o qual estava a bebericar a sua cerveja no gabinete e tinha ouvido toda a conversa.

"Quem era eu? Que pretendia? Para que tinha eu que fazer perguntas? O sujeito falava com certa fluencia e com grande vigor nos epithetos. Poz termo a uma cadeia de injurias com um tremendo sopapo a que eu não pude esquivar-me inteiramente.

"Os poucos minutos que se seguiram foram magnificos. A luta de um athleta leal contra um rufião traiçoeiro. Sahi d'ali no estado em que você vê. O sr. Woodley recolheu á casa numa carroça.

"Assim conclui a minha digressão, e tenho de confessar que, embora me divertisse, o dia que passei na fronteira do Surrey noã foi muito mais fecundo do que o seu.

Na quinta-feira chegou-nos outra carta da nossa cliente.

"Não ficará decerto surprehendido, senhor Holmes, dizia ella, ao saber que vou sahir de casa do sr. Carruthers. Por elevados que sejam os meus honorarios, não podem conciliar-me com os incommodos da minha situação.

"Sabbado que vem tenciono ir para essa capital para nunca mais voltar.

"O sr. Carruthers sempre arranjou um carrinho, e por conseguinte acabaram-se os perigos da estrada deserta, se é que os poderia haver.

"Quanto ao motivo proximo da minha sahida, não é apenas a situação tensa causada pelas declarações do sr. Carruthers, mas a reapparição desse aborrecido senhor Woodley. Sempre o achei horrendo, mas agora tem o aspecto ainda mais abominavel, porque parece ter soffrido qualquer desastre que o desfigurou immenso.

"Vi-o da janella, mas graças a Deus não me encontrei com elle. Teve uma longa conferencia com o sr. Carruthers, que, ao que parece, ficou depois disso em grande excitação. E' provavel que Woodley esteja residindo por estes contornos, porque não pernoitou aqui, e apesar disso eu vi-o esta manhã outra vez de raspão a metter-se por entre as arvores.

"Preferia ver uma fera á solta. Tenho-lhe tal asco e tal medo que nem sei explicar. Parece impossivel que o sr. Carruthers possa aturar uma creatura destas, um momento que seja. Deixal-o! No sabbado terminarão todas as minhas apoquentações."

— Assim espero, Watson, assim espero — disse gravemente Holmes. — A' roda desta raparigita anda a enredar-se alguma medonha intriga, e é dever nosso evitar que a molestem nesta ultima jornada. Parece-me, meu caro amigo, que devemos ordenar as coisas para partirmos juntos no sabbado pela manhã, e para obstarmos a que este curioso e infructifero inquerito tenha algum desfecho desagradavel.

Confesso que até então não tinha encarado muito a serio este caso, o qual me parecera antes grotesco e extravagante do que perigoso. Não tem nada de inaudito o facto de estar um homem á espera de uma rapariga bonita e seguil-a depois, e quando elle é tão timido que não só não se abalança a dirigir-lhe a palavra mas ainda por cima foge mal ella se approxima, não me parece um assaltante muito de temer.

O Woodley, esse era de outra casta, mas, a não ser numa unica occasião, não molestara a nossa cliente, e agora ia de visita a casa de Carruthers sem conversar com ella. O homem da bicycleta fazia sem duvida parte daquelle rancho que costumava acudir ao palacio aos domingos e ao qual o taberneiro havia alludido; mas quem elle fosse ou que coisa pretendesse, a esse respeito continuavamos nós ás escuras.

Foi o aspecto carrancudo de Holmes e a ter-lhe visto metter o revolver na algibeira antes de sahir de casa que me suggeriu a idéa de que alguma coisa de tragico havia porventura occulto por detraz desta curiosa cadeia de acontecimentos.

A uma noite de chuva seguira-se uma manhã esplendida, e mais formosa parecia a charneca, juncada de moitas brilhantes de urze em flor, a olhos cansados das ruas sombrias e tristonhas de Londres.

Caminhavamos ambos pela larga estrada saibrosa, aspirando o ar fresco da manhã, e gozando a musica dos passaros e o halito puro da primavera.

De uma elevação da estrada na lombada de Croo-

kabury Hill avistamos o carrancudo solar sobresahindo no meio de velhas carvalheiras, que, apesar de velhas, eram ainda assim mais novas do que o edificio que cercavam.

Holmes apontou para o extenso lance de estrada que serpeava, como uma faixa de um amarello avermelhado, entre o tostado da charneca e o verde tenro do arvoredo. Muito ao longe, como um ponto negro, lobrigamos um vehiculo a mover se em direcção a nós. Holmes soltou uma exclamação de impaciencia.

— Eu tinha calculado meia hora de avanço — disse elle — se aquelle é o carro della, é que vae apanhar o comboio que passa mais cedo. Receio muito, Watson, que ella chegue em frente de Charlington antes de nós podermos encontral-a.

Desde o momento em que transpuzemos a corcova da estrada, deixamos logo de ver o vehiculo, mas estugamos o passo de tal maneira que a minha vida sedentaria começou a manifestar-se, e vi-me forçado a ficar para traz.

Holmes porem estava sempre prompto para o exercicio, porque tinha reservas inexgotaveis de energia nervosa de que se valia. Nem um instante se lhe demorou o andar elastico, até que de repente, quando me levava coisa de cem metros de dianteira, estacou. e vi-o levantar as mãos num gesto de magoa e desespero. Logo a seguir, appareceu na curva da estrada um dog-cart vazio, com o cavallo a meio trote, as redeas a rastos, o qual se encaminhava rapidamente para nós.

— Chegamos tarde meu caro amigo, chegamos tarde! — exclamou Holmes, emquanto eu corria para elle offegando. — Que parvoice a minha, não ter pensado neste comboio mais cedo! Temos um rapto, meu caro amigo, um rapto! Talvez uma morte! Só Deus o sabe! Não me deixe passar esse cavallo! Agarre-o, homem! Assim mesmo! Agora salte para o carro, e vamos a ver se consigo remediar as consequencias da minha asneira!

Saltamos para o dog-cart, e Holmes, depois de voltar para traz o animal, atirou-lhe uma valente chicotada, e lá fomos á desfilada pela estrada fóra. Quando dobramos a curva, estava desembaraçado todo o trecho comprehendido entre o palacio e a charneca. Dei um esticão no braço de Holmes.

— Lá está o homem! — arquejei.

Vinha para nós um cyclista sozinho. Tinha a cabeça baixa e as costas curvadas como se quizesse transmittir aos pedaes todas as forças de que dispunha.

Voava como um corredor num velodromo. De repente levantou o rosto barbudo, viu-nos aproximar, e parou, saltando ao chão. A barba negra de carvão contrastava singularmente com a pallidez do rosto, e os olhos eram brilhantes como num accesso febril.

Ficou embasbacado para nós e para o dog-cart, e acudiu-lhe ás feições uma expressão de pasmo.

— Olá! Parem! — gritou elle, atravessando a bicycleta para nos tapar o caminho. Onde é que apanharam o dog-cart? Alto ahi! — uivou elle, sacando do bolso um revolver. — Alto ahi, repito, senão, c'os diabos, metto-lhe uma bala no cavallo.

Holmes atirou-me com as redeas para o regaço e saltou do carro abaixo.

— E' exactamente ao senhor que nós procuravamos! Onde pára miss Violet Smith? — perguntou elle em voz incisiva.

— Isso é que eu lhe pergunto. Esse dog-cart é della. Os senhores é que devem saber onde ella pára.

— Encontramos o dog-cart na estrada, sem ninguem dentro. Mettemo-nos nelle para ver se acudiamos á pobre senhora.

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! que hei de fazer? — bradou o desconhecido, num transporte de desespero. — Deitaram-lhe a unha, esse malandro

(*Segue adeante*)

do Woodley com o alcaiote do clerigo. Venha dahi, homem de Deus, se é que é realmente amigo della. Venham ambos commigo, e havemos de a salvar, ainda que eu tenha de largar os ossos na matta de Charlington.

Desatou a correr como um doido, de revolver em punho, para uma brecha da sebe. Holmes seguiu-o, e eu, deixando o cavallo a pastar na orla da estrada, segui Holmes.

— E' por aqui que elles passam — disse elle, apontando para varias pegadas na vereda lamacenta. — Olá! Parem um instante! Quem está aqui no meio dos arbustos?

Era um rapazote dos seus dezesete annos, trajando de moço de cocheira, com polainas de couro. Estava estendido de costas, com os joelhos erguidos, um ferimento medonho na cabeça. Estava sem sentidos, mas com vida. Bastou-me relancear os olhos para o ferimento para ver que não tinha offendido o osso.

— E' Pedro, o groom — exclamou o desconhecido. — Era elle que guiava o dog-cart. Os canalhas atiraram-no da almofada abaixo e moeram-no á paulada. Deixem-n'o ahi; por agora não lhe podemos dar remedio; o que é urgente é livral-a da sorte mais horrivel que a uma mulher pode saber.

Galgamos ás carreiras pela vereda abaixo, a qual serpenteava por entre o arvoredo.

Ao chegarmos á matta que cercava o palacio, Holmes estacou de repente.

— Elles não entraram em casa. Aqui estão as pegadas á esquerda, aqui, ao lado destes loureiros. Ah! bem dizia eu!

De um cerrado massiço de moitas em frente de nós, irrompera um grito estridente de mulher, um grito repleto de vibrações de horror, e que na nota mais estridula foi cortado subitamente por uma especie de estertor.

— Por aqui! por aqui! Estão na alameda do foot-ball — bradou o desconhecido, enfiando como uma setta por entre as moitas. — Ah! perros covardes! Sigam-me, meus senhores! Chegamos tarde, tarde, com todos os diabos!

Desembocaramos de repente numa aprazivel clareira arrelvada, rodeada por arvores seculares. No extremo mais distante, á sombra de um carvalho, via-se um grupo singular de tres pessoas. Uma era uma mulher desfallecida, com um lenço em guisa de mordaça. Defronte della estava de pé um homem novo, de cara sinistra, aspecto brutal, bigode ruivo, abertas as pernas revestidas de polainas, uma das mãos á cinta, outra brandindo um chicote, numa attitude toda ella de triumphante bravata.

Entre os dois, um homem edoso, de barba grisalha, trajando uma sobrepeliz curta por cima de um terno completo de verão, tinha evidentemente acabado de celebrar os officios do matrimonio, porque, apenas nós apparecemos, enfiou no bolso o livro de orações e deu uma palmada de congratulação jovial no hombro do sinistro noivo.

— Estão casados! balbuciei eu.

— Venham cá! — gritou o nosso guia — Venham cá!

Atravessou precipitadamente a clareira, commigo e com Holmes no encalço. Ao acercarmo-nos, a pobre senhora arrimou-se ao tronco da arvore para não baquear. Williamson, o clerigo, fez-nos uma venia de zombeteira polidez, e o selvagem do Woodley adiantou-se com gargalhadas alvares de exultação.

— Podes tirar as barbas, Bob — disse elle — Conheço-te ás leguas. Chegaram mesmo a proposito, tu mais os teus sequazes, para eu lhes poder apresentar Mistress Woodley...

A resposta do nosso guia foi singular. Arrancou a barba negra com que se disfarçava, e atirou com ella ao chão, mostrando a cara comprida, pallida e barbeada. Depois ergueu o revólver e assestou-o para o rufião, o qual avançou sobre elle agitando o terrivel chicote.

— Exacto! — disse o novo alliado — sou com effeito Bob Carruthers, e hei de ver esta mulher desaffrontada, dê por onde dér. Disse-te o que eu faria se acaso tu a maltratasses, e em nome de Deus! hei de cumprir a minha palavra.

— Chegas tarde. Ella é minha mulher.

— Enganas-te. E' a tua viuva.

Detonou o revolver e vi logo o sangue rebentar no collete de Woodley. Deu uma volta sobre si, com um grito de agonia, e cahiu de costas, cobrindo-lhe de improviso o rosto avermelhado e horrendo uma lividez mortal.

O velho da sobrepeliz desatou num chorrilho de medonhas pragas, como eu nunca ouvira, e sacou de um revolver; mas antes que o assestasse tinha diante dos olhos a arma de Holmes.

— Acabemos com isto! disse friamente o meu amigo. Largue o revolver! Watson, apanhe-o! Obrigado. Carruthers, dê cá a sua arma. Basta de violencias. Ande, entregue o revolver.

— Mas quem o senhor, afinal?

— Chamo-me Sherlock Holmes.

— Santo Deus!

— Vejo que me conhece de nome. Assumo o papel da policia até que ella chegue. Olá, tu! — bradou para um groom que tinha apparecido, muito assarapantado, á beira da clareira. — Anda cá! Monta a cavallo, e leva-me este bilhete a Farnham, isso num minuto!

Escreveu meia duzia de palavras numa pagina do seu canhenho de lembranças.

— Entrega-o ao superintendente da estação policial. Até que ella venha, ficam todos detidos sob minha responsabilidade.

A personalidade forte e autoritaria de Holmes do-

minava a tragica scena, e todos eram igualmente automatos em suas mãos. Williamson e Carruthers passaram a transportar para dentro de casa o ferido, eu dei o braço á apavorada rapariga.

Deitaram o ferido na cama, e a rogos de Holmes eu examinei-o.

Levei-lhe o meu diagnostico á cadeira que elle occupava na antiga sala de jantar guarnecida de tapeçarias, tendo em frente de si os dois presos.

— O homem não morre, disse eu.

— Que diz! exclamou Carruthers, saltando da cadeira. — Vou lá em cima dar cabo delle. E' lá possivel que essa linda rapariga, esse anjo, fique ligada a vida inteira com um desalmado como aquelle!

— Escusa de se incommodar com isso! redarguiu Holmes. Ha duas razões excellentes pelas quaes ella não póde por fórma alguma considerar-se esposa delle. Em primeiro logar, não é temerario pôr em duvida o direito deste senhor aqui presente para celebrar o matrimonio.

— Tenho ordens sacras — reclamou o velho bandido.

— Mas já as perdeu.

— As prerogativas de clerigo, ninguem póde tirar-m'as.

— Não creio. E a licença para o casamento, onde está?

— Tinhamol-a nós... Tenho-a eu na algibeira.

— Então alcançou-a por burla. Mas, seja como fôr, um casamento á força não é casamento, o que é, é um crime gravissimo, como perceberá mais tarde. Não lhe faltará tempo para reflectir: dez annos ou coisa assim, se não me engano. Quanto ao senhor Carruthers, teria andado com mais juizo se tivesse deixado ficar o revolver no bolso.

— Tambem começo a convencer-me disto, sr. Holmes; mas quando me lembrei de todas as precauções que eu tomara para defender esta pobre rapariga... a quem eu queria muito, sr. Holmes, e olhe que foi a unica vez na minha vida que soube o que era uma paixão... perdi a cabeça, ao pensar que ella estava em poder do maior brutamontes, do maior malandro de toda a Africa do Sul, um homem cujo nome espalha terror desde Kimberley até Johannesburgo. Talvez o sr. Holmes não queira crer, mas desde que esta menina está em minha casa, nunca a deixei passar por aqui, onde sabia estavam emboscados estes tratantes, sem a seguir na bicycleta para evitar que lhe succedesse algum damno. Conservava-me a distancia respeitosa, e disfarçava-me com uma barba postiça para que ella não me reconhecesse. Porque ella é uma boa rapariga, cheia de dignidade, e não se conservaria a meu serviço se lhe passasse pela cabeça que eu andava a seguil-a pelas estradas.

— Porque é que não a preveniu do perigo que corria?

— Porque nesse caso ia-se ella embora, e isso é que eu não podia suportar. Embora ella não me tivesse amor, era um grande consolo para mim ver a sua figurinha encantadora a girar por minha casa, e ouvir o som da sua voz.

— Safa! disse eu. E chama o sr. Carruthers a isso amor! Eu cá chamo-lhe egoismo!...

— São coisas que andam juntas, creio eu. O que é certo é que me custava muito deixal-a ir embora. Demais a mais, com esta sucia a perseguil-a, convinha haver alguem que vigiasse por ella. E d'ahi, quando chegou o telegramma, eu já sabia que elles estavam com ancia de tentar o assalto.

— Qual telegramma?

Carruthers tirou da algibeira um papel e entregou-lh'o.

— Aqui tem.

Era breve e conciso;

"Morreu o velho".

— Hum! — reflectiu Holmes — Agora creio que percebo o encadeamento das coisas: vejo como este despacho os havia de levar a uma tropelia assim. Mas emquanto esperamos, não era mau que o senhor me fosse contando o que sabe.

O velho bandido da sobrepeliz desatou num chorrilho de improperios.

— Raios te partam! — praguejou — se dás com a lingua nos dentes, Bob Carruthers, arranjo-te como tu arranjaste Jack Woodley. Lá a respeito da moça pódes falar á vontade, isso é lá comtigo, mas se compromettês os amigos diante aqui deste pastrana mettes-te em bca, essa te juro eu!

— Vossa Reverendissima escusa de se exaltar — disse Holmes, accendendo um cigarro — As provas que o compromettem são claras á farta; o que eu quero são uns pormenoresinhos de nada para satisfazer a minha curiosidade pessoal. No emtanto, se têm qualquer difficuldade em contar-me a historia, irei eu falando, e então verão se ainda lhes é possivel guardarem os seus segredos. Em primeiro logar, os senhores tres vieram da Africa, ao cheiro desta caça, todos tres, Williamson, Carruthers e Woodley.

— Primeira mentira! — acudiu o velho — Eu nunca puz a vista em nenhum delles sinão ha dois mezes, e nunca na minha vida estive na Africa.

— E' verdade o que elle diz — affirmou Carruthers.

— Pois bem! Então foram dois os que vieram. Sua reverendissima é de fabrico nacional; não é artigo de importação. Os senhores tinham conhecido Ralph Smith na Africa Meridional. Tinham motivo

(*Continúa na pag. seguinte*)

para suppôr que elle não viveria muito. Descobriram que a herdeira da fortuna devia ser sua sobrinha. Não é assim, hein?

Carruthers acenou affirmativamente e Williamson soltou uma praga.

— Era elle o parente mais proximo, sem sombra de duvida, e os senhores sabiam ao certo que o velhote não faria testamento.

— Se elle não sabia ler nem escrever! — exclamou Carruthers.

— Vieram pois ambos por ahi fóra, á caça da pequena. A idéa era um dos senhores casar com ella e repartir a massa com o outro. Por qualquer motivo, foi Woodley o escolhido para marido. Porque?

— Jogamol-a ás cartas na viagem. Foi elle quem ganhou.

— Entendo. Você tomou a menina a seu serviço, e appareceu logo Woodley a fazer-lhe a côrte. Ella percebeu logo que elle era um selvagem e um bebado, e não quiz nada com elle. Entrementes, o contracto corria risco de ir por agua a baixo, porque você se lembrou de se apaixonar pela pequena. Não se podia já conformar com a idéa de que aquelle malandrim a possuisse.

— Ah! lá isso não podia, mesmo!

— Dahi veio a desordem entre os dois. Elle sahiu de sua casa fulo, e começou a tramar os seus planos sem se importar com você.

— Está-me a palpitar, Williamson, que não temos muito que contar a este patusco — exclamou Carruthers com um riso amargo — E' verdade que nos desaviémos, e elle deu-me uma tosa. Dessa já eu me paguei, em todo o caso. Depois perdi-o de vista. Foi então que elle se metteu de gorra com este padreca de má sorte. Eu descobri que elles dois tinham posto casa no caminho por onde ella havia de passar ao ir para a estação. D'ahi por deante nunca a perdi de vista, porque andava com a pedra no sapato, e cheirava-me a grossa patifaria. De quando em quando, ia ter com elles mouto por saber que demonio andavam a tramar. Ha dois dias veiu Woodley a minha casa com este telegramma, que participava a morte de Ralph Smith. Perguntou-me se eu estava disposto a manter o contracto. Respondi-lhe que não. Perguntou-me depois se eu queria casar com a pequena e dar-lhe a elle o seu quinhão. Respondi que da melhor vontade o faria, mas que ella se recusava a aceitar-me por marido. Elle então, disse: "Tratemos nós de a casar, que em passando uma ou duas semanas, já ella vê as coisas com outros olhos". Eu repliquei que não queria em caso nenhum empregar a violencia. Elle então foi-se embora a rogar pragas, como um mariolão desbocado que é, e protestando que ella lhe havia de ir parar ás unhas. Ella devia seguir hoje para Londres, e eu tinha arranjado um carro para a levar á estação, mas estava em tal desassocego que a vim seguindo na bicycleta. Mas ella levou-me grande dianteira, e antes que eu a pudesse apanhar, levou-se a cabo a patifaria. Só soube della quando vi os senhores dois no "dog-cart", de volta pelo caminho.

Holmes levantou-se e deitou no fogão a ponta do cigarro.

— Muito estupido fui eu, Watson! — disse elle — Quando você me contou que tinha visto o ciclysta a concertar a gravata, ao que parecia, no meio dos arbustos, bastava isso para me revelar tudo. Podemos comtudo congratular-nos, porque este caso é devéras curioso e até unico, a certos respeitos. Vejo além na alameda tres agentes de policia, e folgo de ver que o moço estribeiro os vem acompanhando sem dar parte de fraco. E' pois provavel que nem elle nem o interessante noivo levem desta aventura uma recordação funesta, pelo menos physiologica. Não seria mau, Watson, que no exercicio da sua profissão acudisse a Miss Smith e lhe dissesse que, no caso de se sentir melhor, teriamos grande prazer em acompanhal-a á casa de sua mãe. Se ella ainda não estiver em estado de seguir viagem, bastará porventura suggerir-lhe que tencionamos telegraphar para Midlands a um certo engenheiro electricista, para que a cura se complete. Quanto ao sr. Carruthers, estou convencido que fez o que poude para se penitenciar da sua cumplicidade num enredo tão abominavel. Aqui tem o meu bilhete de visita; se o meu depoimento o poder favorecer no tribunal, fico á sua disposição.

No turbilhão da nossa actividade incessante, tem-me custado muitas vezes, como os leitores terão decerto notado, a completar as minhas narrativas com o epilogo que os curiosos têm razão de esperar. Cada episodio tem servido de preludio a outro, e passada a crise por sobre os actores, a nossa vida activa não nos permitte seguil-os. Todavia, no fim do manuscripto que se refere a este caso, encontro uma nota succinta, pela qual consta que Miss Violet Smith herdou com effeito uma grande fortuna, e que é hoje mulher de Cyril Morton, socio principal da firma Morton e Kennedy, afamados electricistas de Westminster. Williamson e Woodley foram ambos condemnados por tentativa de rapto e aggressão, o primeiro a sete e o segundo a dez annos de prisão. Sobre o destino de Carruthers não tenho eu referencias, mas estou certo que o seu delicto mereceu bastante indulgencia ao tribunal, visto Woodley ter a reputação de rufião perigoso, e creio que poucos mezes de prisão bastaram para satisfazer as exigencias da justiça.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

PEDRO NEGRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

Royal Briar

A SERIE DE OURO DAS PESSOAS ELEGANTES

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Pó de Arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR PERFUME

A' VENDA EM TODO O BRASIL